

UNIVERSIDADE DE LISBOA  
FACULDADE DE BELAS-ARTES



A OBRA GRAFICA DE  
CARLOS AUGUSTO LYSER FRANCO

Anexo de textos



ANA RITA CARVALHO AFONSO

Orientação: Prof. Doutora Margarida Calado

MESTRADO EM DESENHO

2007

FACULDADE DE BELAS ARTES DA UL  
Biblioteca



ULBA007118

## ÍNDICE DOS ANEXOS

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1. BIOGRAFIA .....</b>   | <b>2</b>  |
| DOC. 1.2 - TÁBUA CRONOLÓGICA .....  | 2         |
| DOC. 1.2 - DISCURSO PROFERIDO EM HOMENAGEM A CARLOS AUGUSTO LYSER FRANCO, NA<br>INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO E PRACETA EM FARO COM O SEU NOME ..... | 6         |
| DOC. 1.3 - ENTREVISTA COM LUÍS LYSER FRANCO ( BISNETO DO AUTOR) .....   | 10        |
| <b>2. AUTOBIOGRAFIA .....</b>   | <b>15</b> |
| DOC. 2.1 - NOTAS AUTOBIOGRÁFICAS DE CARLOS AUGUSTO LYSER FRANCO (RESPECTIVAS AO<br>PERÍODO ENTRE 1883-1891) .....                               | 16        |
| DOC. 2.2 - NOTAS AUTOBIOGRÁFICAS DE CARLOS AUGUSTO LYSER FRANCO (RESPECTIVO AO<br>PERÍODO ENTRE 1892-1901) .....                                | 24        |
| DOC. 2.3 - AUTOBIOGRAFIA RESUMIDA DE CARLOS AUGUSTO LYSER FRANCO DE 7 DE AGOSTO DE<br>1928 .....  | 27        |
| DOC. 2.4 - NOTAS AUTOBIOGRÁFICAS DE CARLOS AUGUSTO LYSER FRANCO “COMO PREFERE A<br>PINTURA?” .....  | 33        |
| <b>3. CRÍTICA ARTÍSTICA.....</b>  | <b>36</b> |
| DOC. 3.1 - CRÍTICAS COEVAS ÀS EXPOSIÇÕES DE CARLOS AUGUSTO LYSER FRANCO.....  | 37        |
| DOC. 3.2 - TRANSCRIÇÃO DE CRÍTICA FEITA À EXPOSIÇÃO DE CARLOS AUGUSTO LYSER FRANCO  | 41        |
| DOC. 3.3 - EXCERTOS DE CRÍTICAS FAVORÁVEIS À EXPOSIÇÃO DE 1929 .....  | 43        |
| DOC. 3.4 - CRÍTICA AO PINTOR NA REVISTA PORTUGUESA .....  | 45        |
| DOC. 3.5 – CRÍTICA MANUSCRITA DE CARLOS AUGUSTO LYSER FRANCO AO CRÍTICO FERNANDO DE<br>PAMPLONA.....  | 47        |
| DOC. 3.6 - CRÍTICA DE CARLOS AUGUSTO LYSER FRANCO AO CRÍTICO FERNANDO DE PAMPLONA<br>«COM AS CEROULAS DE FIALHO» .....                          | 48        |
| DOC. 3.7 - CRÍTICAS PÓSTUMA A CARLOS AUGUSTO LYSER FRANCO NO CENTENÁRIO DO SEU<br>NASCIMENTO – JORNAL ECOS DE BELÉM .....                       | 50        |
| <b>4. ESCRITOS SOBRE ARTE .....</b>   | <b>52</b> |
| DOC. 4.1 - JOHN FLAXMAN - UM GRANDE ESCULTOR E A SUA OBRA (1915) .....  | 53        |
| DOC. 4.2 - JOAQUIM PORFÍRIO – GRANDE PROPAGANDISTA DE ALLONGÉ (1949) .....  | 78        |
| DOC. 4.3 - O PINTOR CONSTANTINO FERNANDES (1950).....   | 83        |
| <b>5. DOCUMENTOS FOTOCOPIADOS .....</b>   | <b>91</b> |
| DOC. 5.1 - PROCESSO INDIVIDUAL DE CARLOS AUGUSTO LYSER FRANCO NA ESCOLA SUPERIOR<br>DE BELAS ARTES (PROCESSO N.º 3 CAIXA Nº 21) .....           | 92        |
| DOC. 5.2 - APÊNDICE 402 DO DIÁRIO DO GOVERNO DE 09 DE OUTUBRO DE 1909.....  | 97        |

# 1. Biografia

## Doc. 1.2 - Tábua cronológica

| Data    | FRANCO   |
|---------|--|
| 1879    | Nasce a 5 de Outubro na Ajuda, Rua do Machado nº 47  |
| 1883    | Frequenta o <i>Colégio Familiar</i> (dos 3 aos 11 anos)  |
| 1890-91 | Entra Colégio Jesuíta de Brancanes o qual frequenta por 10 meses (11 anos de idade)  |
| 1892    | <b>4 Novembro Entra para a Escola Superior de Belas Artes como aluno voluntário no Curso Geral de Desenho<sup>1</sup></b>  |
| 1894    | Expõe em conjunto com os alunos do 1º ano do curso geral de desenho na 11ª exposição anual de alunos relativa ao ano lectivo de 1892-1893 com as obras:<br>«11 Dois traçados de desenho linear, cinco desenhos de figura – cabeça – cinco desenhos de ornato (exames de frequência).<br>12 Traçado de perspectiva, desenho de figura – cabeça - desenho de ornato (exames de passagem)» <sup>2</sup>   |
| 1895    | Expõe em conjunto com os aluno do 2º ano do curso geral de desenho na 12ª exposição anual de alunos relativa ao ano lectivo de 1893-1894 com as obras:<br>«61 – Quatro desenhos de geometria, quatro desenhos do antigo – duas cabeças, dois torsos – quatro desenhos de ornato de relevo, quatro desenhos architectonicos (exames de frequência)<br>62 – Desenho de Geometria, desenho do antigo – torso- desenho de ornato do relevo, desenho architectonico (exames de passagem).<br><i>Anatomina</i> (1ª cadeira auxiliar, 1ªe 2ª parte). Aprovado com 14 valores.» <sup>3</sup>   |
| 1896    | Expõe em conjunto com os aluno do 3º ano do curso geral de desenho na 13ª exposição anual de alunos relativa ao ano lectivo de 1894-1895 com as obras:<br>«105 – Quatro desenhos do antigo – estatua – quatro desenhos de ornato do relevo aguarellados, quatro desenhos architectonicos, tres desenhos- duas paisagens e um animal (exames de frequência).<br>106 – Desenho do antigo - estatua – desenho de ornato aguarellado, desenho architectonico, desenho de paisagem (exames de passagem).<br><i>Premiado em sessão do conselho escolar de 14 de Agosto de 1895 com a medalha de bronze pelos valores obtidos nos seus exames de frequência e de passagem.</i> » <sup>4</sup> |
| 1897    | Expõe em conjunto com os alunos do 4º ano do curso geral de desenho na 13ª exposição anual de alunos relativa ao ano lectivo de 1894 -1895 com as obras:   |

<sup>1</sup> Cf. Processo Individual de Carlos Augusto Lyster Franco, Caixa 12, processo nº 3 do Arquivo Morto da Secretaria da FBAUL

<sup>2</sup> Catalogo da Exposição dos Trabalhos dos Alumnos da Escola de Bellas Artes de Lisboa Aprovados no anno Lectivo de 1892-1893 e dos Pensionistas do Estado em paiz estrangeiro no mesmo periodo- 11ª exposição Annual, Ed. Adolpho, Modesto & C.ª – Impressores, Rua Nova do Loureiro, 25 a 39 Lisboa, 1894. p. 4

<sup>3</sup> Catalogo da Exposição dos Trabalhos dos Alumnos da Escola de Bellas Artes de Lisboa Aprovados no anno Lectivo de 1893-1894 e dos Pensionistas do Estado em paiz estrangeiro no mesmo periodo- 12ª exposição Annual, Typographia Castro Irmão, Lisboa 1895. p. 11

<sup>4</sup> Catalogo da Exposição dos Trabalhos dos Alumnos da Escola de Bellas Artes de Lisboa Aprovados no anno Lectivo de 1894-1895, 13ª exposição Annual, Typographia e Lithographia a vapor da Papelaria Progresso[?], Lisboa, 1896 p.15 e 16

|             |  |
|-------------|--|
|             | <p>«108- Tres desenhos – duas academias e estatua – tres desenhos architectonicos, tres desenhos de paisagem – dois animais e paisagem – tres composições de ornato em aguarella – <i>custodia, gomil e candelabro</i> – (exames de frequencia).<br/>109- Academia, cabeça d'expressão, estudo de panejamentos, desenho architectonico, desenho de animal do natural, composição de ornato em aguarella – cofre – (exames finaes)<br/><i>Premiado em sessão do conselho escolar de 19 d'Agosto de 1896 com a medalha de prata, por ser immediato em classificação, ao alumno premiado</i>».<sup>5</sup></p>  |
| <b>1897</b> | Pinta e expõe « O Milagre de Ourique»  |
| <b>1898</b> | <p>Expõe como discípulo ordinário em conjunto com os alunos do 1º ano do curso de pintura historica na 15ª exposição anual de alunos relativa ao ano lectivo de 1896 - 1897 com as obras:<br/>«135- Tres academias, estudo de cabeça d'expressão, duas copias de quadro (exames de frequencia).<br/>136 – Academia, figura – copia de quadro – (exames de passagem)<br/><i>Historia d'arte e esthetica</i> (2.ª cadeira auxiliar, 3.ª parte). Aprovado com 14 valores.»<sup>6</sup></p>  |
| <b>1899</b> | <p>Expõe como discípulo ordinário em conjunto com os alunos do 2º ano do curso de pintura historica na 16ª exposição anual de alunos relativa ao ano lectivo de 1897 - 1898 com as obras:<br/>« 119 – quatro academias, quatro esbocetos, representando « A adoração dos reis Magos», « Julgamento de Phyrné», «Rapto das Sabinas», «Audiencia e apresentação de Nicolau Coelho» (exames de frequencia)<br/>120 – Academia, cabeça de expressão e esboceto «Cícero e Catalina» (exames de passagem).<br/><i>Usos e costumes dos homens mais importantes da historia</i>, 2ª cadeira auxiliar (2ª parte). Aprovado com 15 valores.»<sup>7</sup></p>   |
| <b>1899</b> | «A Ceia de Emauz»  |
| <b>1899</b> | <p>Expõe como discípulo ordinário em conjunto com os alunos do 3º ano do curso de pintura historica na 17ª exposição anual de alunos relativa ao ano lectivo de 1898 - 1899 com as obras:<br/>« 122- Tres academias, cabeça de expressão e quatro esbocetos: «Alexandre e Diogenes», «A batalha de Aljubarrota» (D. Nuno Alvares Pereira), «Thetis levando a Achilles as armas fabricadas por Vulcano», «Ascensão de Christo» (exames de frequencia).<br/>123- quadro «Os discípulos de Emauz» e o respectivo esboceto (exame de passagem).<br/><i>Usos e costumes dos homens mais importantes da historia</i>, 2ª cadeira auxiliar (2ª parte). Aprovado com 20 valores.<br/><i>Premiado em sessão do conselho escolar de 14 de Agosto de 1899, com a medalha de bronze, pela distinção obtida no seu exame em archeologia.</i> »<sup>8</sup><br/>Nesta exposição concorre ao Prémio Lupi<sup>9</sup>, o qual é ganho por José Nunes Ribeiro Júnior, entre os concorrentes encontramos seu amigo Constantino Fernandes e também Adriano Sousa Lopes.</p> |

<sup>5</sup> Catalogo da Exposição dos Trabalhos dos Alumnos da Escola de Bellas Artes de Lisboa Aprovados no anno Lectivo de 1895-1896, 14ª exposição Annual, Typographia do Commercio, 50 Rua Ivens - Lisboa, 1897 p.17 e 18

<sup>6</sup> Catalogo da Exposição dos Trabalhos dos Alumnos da Escola de Bellas Artes de Lisboa Aprovados no anno Lectivo de 1896-1897, 15ª exposição Annual, Typographia do Commercio, 50 Rua Ivens - Lisboa, 1898. p.23 e 24

<sup>7</sup> Catalogo da Exposição dos Trabalhos dos Alumnos da Escola de Bellas Artes de Lisboa Aprovados no anno Lectivo de 1897-1898, 16ª exposição Annual, Imprensa Nacional, Lisboa, 1899 p.25

<sup>8</sup> Catalogo da Exposição dos Trabalhos dos Alumnos da Escola de Bellas Artes de Lisboa Aprovados no anno Lectivo de 1898-1899, 17ª exposição Annual, Imprensa Nacional, Lisboa, 1899. p.27 e 28

|             |  |
|-------------|--|
| <b>1900</b> | “A rainha de Castela, D.Maria, pedindo auxilio a seu pai, D. Afonso IV, de Portugal, contra os mouros”   |
|             | <b>Acaba o Curso de Pintura histórica na Escola Superior de Belas Artes e frequenta um ano do Curso de Escultura</b>   |
| <b>1901</b> | Fixa-se no Algarve « <i>Foram sobretudo aspectos da paisagem que o Mestre-Pintor Lister Franco escolheu de preferência para as suas obras, traduzindo, dêste modo, o seu enraizado amor pela Província em que passou quase toda a sua vida –cerca de 60 anos, pois aqui se radicou com pouco mais de 20 anos de idade, em 1901.</i> »        |
| <b>1902</b> | Expõe como discípulo ordinário em conjunto com os alunos do 2º ano do curso de escultura estatuaría na 19ª exposição anual de alunos relativa ao ano lectivo de 1900 -1901 com as obras:<br>«103- Quatro provas de exame de frequência.<br>105 Três provas de exame de passagem<br>(Copia do antigo, do natural e composição)» <sup>10</sup> |
| <b>1903</b> | Martim de Freitas depondo as chaves do castelo de Coimbra nas mãos do cadáver de D. Snacho II”   |
| <b>1905</b> | Concorre para professor « <i>No concurso de provas publicas e documentais para o lugar de professor da 1ª e 2ª disciplina do Ensino Industrial, em Julho de 1905, fui o 2º classificado. Eram mais de 30 os concorrentes!</i> »  |
| <b>1907</b> | A 09 de Outubro é nomeado professor da 1ª e 2ª disciplina da Escola Industrial Pedro Nunes   |
|             | Exposição em Faro  |
|             | Publica <i>Iluminuras</i> , contos e novelas. Famalicão  |
| <b>1908</b> | Exposição de Pintura nos salões do palácio Pantoja, Algarve  |
| <b>1909</b> | Exposição de Pintura nos salões do palácio Pantoja, Algarve  |
| <b>1910</b> | Expõe em Coimbra   |
|             | Em colaboração com Ezequiel Pereira, a pedido da Camara Municipal de Faro, a primeira Bandeira Oficial da Republica, segundo o projecto de Columbano.  |
|             | A pedido da mesma Câmara de Faro faz o restauro de todos os quadros actualmente existentes no Museu Arqueológico de Faro.  |
|             | Foi louvado pelos serviços prestados no júri dos exames de saída do Liceu Nacional de Faro, pelo respectivo Presidente, no ano lectivo de 1908   |
| <b>1912</b> | Nomeado director da Escola Pedro Nunes   |
| <b>1912</b> | Exposição de Pintura nos salões do palácio Pantoja, Algarve  |
| <b>1914</b> | Foi nomeado pela Câmara de Faro para fazer parte da Comissão Reorganizadora do Museu Arqueológico e Lapidar do Infante D. Henrique 1915  |
|             |  |
|             | Foi louvado pelo Snr. Governador Civil de Faro, Dr. Lino Gameiro, em telegrama dirigido ao Exmº Ministro da Instrução, em 25 de Julho de 1914, “pela perfeição e gosto dos trabalhos na Exposição Escolar” do mesmo ano. [Oficio nº 307 da 1ª Repartição do Governo Civil de Faro.]  |
| <b>1915</b> | Apresenta uma série de esquiços inspirados nos episódios mais notáveis da história   |

<sup>9</sup> Ibidem p. 37 «166 FRANCO (Carlos Augusto)

<sup>10</sup> Catalogo da Exposição dos Trabalhos dos Alumnos da Escola de Bellas Artes de Lisboa Aprovados no anno Lectivo de 1900-1901, 19ª exposição Annual, Imprensa Nacional, Lisboa, 1902

|             |  |
|-------------|--|
|             | do Algarve por ocasião do do Iº Congresso Algarvio   |
|             | Publica <i>Contos Fúnebres</i> Faro  |
|             | Publica <i>Um Grande Escultor – John Flaxman e a sua obra</i> , Faro   |
| <b>1917</b> | Lyster Franco expõe colectivamente com Raul Carneiro, Carlos Porfírio e Jorge Barradas [no Salão do Teatro Letes] em Faro  |
| <b>1919</b> | A 3 de Maio os professores e alunos da escola fazem-lhe uma homenagem, presidida pelo Governador Civil de Faro - o Comandante José Mendes Cabeçadas -, sessão onde foi inaugurado o retrato do pintor. |
| <b>1921</b> | Junho, Lisboa, Exposição de Arte, no Salão Nobre do Teatro Nacional  |
| <b>1922</b> | Abril, Lisboa, Exposição de Arte, no Salão Nobre do Teatro Nacional « 2ª Exposição. Paisagens do Algarve.»   |
| <b>1923</b> | 20 de Abril, Lisboa, no Salão de Ilustração Portuguesa   |
| <b>1924</b> | Junho, Lisboa, no Salão Bobone «4ª exposição, pintura a óleo: paisagens e tipos do Algarve.»   |
| <b>1924</b> | Julho, Porto: Salão «O Primeiro de Janeiro» Exposição de Paisagens e tipos do Algarve, Lápis, Fusains, Óleo  |
| <b>1927</b> | 13 de Março, Exposição na Misericórdia de Faro   |
| <b>1927</b> | Colaborou na parte algarvia do <i>Guia de Portugal</i> , editado pela Biblioteca Nacional  |
| <b>1929</b> | Salas do Hospital da Misericórdia de Faro  |
|             | É dado o seu nome a uma das salas do Museu Marítimo de Faro pela execução de três telas que completaram a exposição  |
|             | Restaura dezenas de quadros no Museu Arqueológico e Lapidar do Infante D. Henrique de Faro   |
|             | Administrador do concelho de Faro  |
|             | Comissário da policia do distrito de Faro  |
|             | Presidente da Câmara Municipal   |
|             | Director da Escola Tomás Cabreira  |
|             | Director do Posto Meteorológico  |
|             | Ordem Militar de Santiago  |
| <b>1945</b> | Expõe em Faro  |
| <b>1959</b> | Falece a 26 de Março em Faro   |
| <b>1960</b> | Exposição «Óleos Carvões e Lápis do falecido pintor Lyster Franco na Aliança Francesa de Faro, de 1 a 15 de Junho de 1960»   |

**Doc. 1.2 - Discurso proferido em homenagem a Carlos Augusto Lyster Franco, na inauguração do monumento e praça em Faro com o seu nome<sup>11</sup>**

Minhas Senhoras  
Meus Senhores

Lembrar os homens que, na sua passagem pelo Mundo, realizaram qualquer obra útil à Sociedade, é um dever de todas as gerações que os conheceram e amaram, e ainda das gerações que lhes sucederam.

Em 26 de Março de 1969 faleceu nesta cidade um desses homens - Carlos Augusto Lyster Franco, que foi Professor e Pintor de Arte.

Como Professor, ensinou aqui no Liceu, na Escola Comercial e na Escola do Magistério Primário.

Exercou o Magistério cerca de 50 anos, portanto, durante um período de tempo que poucos professores alcançam. O Desenho foi a sua disciplina predilecta; mas ensinou também, por vezes, o Português.

A sua actuação como Professor de Desenho foi notável, tanto pelo aproveitamento que os seus discípulos colheram das suas lições, como pelo ambiente carinhoso que a todos proporcionou nas suas aulas, dando a impressão de tomar os alunos como seus colaboradores e companheiros de trabalho. Só quem, como eu, teve o elevado prazer de o ter tido como Professor, poderá avaliar do saber e da ternura deste homem como Mestre. Nunca aquela ardis-tante, de sobrançeria, com que alguns mestres se dirigem aos seus discípulos... Nunca uma palavra dura para os menos aplicados: só palavras de doçura e exortação. Até dava gosto frequentar as suas aulas, ouvir as suas lições e vê-lo esboçar os seus sorrisos protectores. Por isso, aqueles que sentiram a alegria de serem seus alunos - e foram muitos milhares - jamais o poderão esquecer. A projecção dessa recordação - que já é saudade - está no entusiasmo com que os seus antigos discípulos abraçaram a ideia desta homenagem póstuma.

Como Pintor de Arte, foi Lyster Franco um Mestre insigne. Não sou eu a pessoa indicada para o definir como Pintor, mas, com a sensibilidade que Deus me deu, serei, ao menos, pessoa suficiente para o compreender como Artista.

<sup>11</sup> Discurso proferido após a morte do pintor, documento que se encontrava entre os escritos de Carlos Augusto Lyster Franco que pensamos, pela proximidade da narrativa, ter sido escrito por Mário Augusto Barbosa Lyster Franco, filho do pintor.

«Minhas Senhoras  
Meus Senhores

Lembrar os homens que, na sua passagem pelo Mundo, realizaram qualquer obra útil à Sociedade, é um dever das gerações que os conheceram e amaram e ainda das gerações que lhes sucederam.

Em 26 de Março de 1959 faleceu nesta cidade um desses homens – Carlos Augusto Lister Franco, que foi professor e Pintor de Arte.

Como professor, ensinou aqui no Liceu de Faro, na Escola Comercial e na Escola do Magistério Primário.

Exerceu o Magistério cerca de 50 anos, portanto, durante um período de tempo que poucos professores alcançam. O Desenho foi a sua disciplina predilecta; mas ensinou também, por vezes, o Português.

A sua actuação como Professor de Desenho foi notável, tanto pelo aproveitamento que os seus discípulos colheram das suas lições, como pelo ambiente carinhoso que a todos proporcionou nas suas aulas, dando a impressão de tomar os alunos como seus colaboradores e companheiros de trabalho. Só quem, como eu, teve o elevado prazer de o ter tido como Professor, poderá avaliar do saber e da ternura deste homem como Mestre. Nunca aquele ar distante, de sobrançeria, com que alguns mestres se dirigem aos seus discípulos... Nunca uma palavra dura para os menos aplicados: só palavras de doçura e exortação ao estudo. Até dava gosto frequentar as suas aulas, ouvir as suas lições e vê-lo esboçar os seus sorrisos protectores. Por isso, aqueles que sentiram a alegria de serem seus alunos – e foram muitos milhares – jamais o poderão esquecer. A projecção dessa recordação – que já é saudade – está no entusiasmo com que os seus antigos discípulos abraçam a ideia desta homenagem póstuma.

Como Pintor de Arte foi Lister Franco um Mestre insigne. Não sou eu a pessoa indicada para o definir como Pintor, mas, com a sensibilidade que Deus me deu, serei, ao menos, pessoa suficiente para o compreender como artista.

O seu curso da Escola de Belas Artes foi de pintura histórica, tendo realizado neste género alguns trabalhos apreciáveis; mas foi à pintura a óleo e, especialmente, ao desenho a carvão que ele se dedicou com verdadeiro ardor artístico, tornando-se, nesta última modalidade, o seu maior e mais apreciado cultor. Quem, algum dia, viu os seus desenhos a carvão, certamente ficou encantado com cada uma dessas maravilhas saídas das suas mãos. Nos seus quadros a carvão, em que reproduzia vários aspectos da paisagem, distinguia-se perfeitamente a tonalidade da luz que caía dos Céus na hora representada pela obra do artista, e até se surpreendia a côr própria das coisas que retratava. Tudo isto constituiu o grande segredo do claro-escuro que o seu lápis pôs nas suas telas a carvão. Nestes seus desenhos, as árvores tinham sempre um lugar de relevo. Via-se que o Artista tinha a paixão da paisagem, tão grande era o grau de perfeição a beleza dos recantos que reproduzia. Foram sobretudo aspectos da paisagem que o Mestre-Pintor Lister Franco escolheu de preferência para as suas obras, traduzindo, deste modo, o seu enraizado amor pela Província em que passou quase toda a sua vida –cerca de 60 anos, pois aqui se radicou com pouco mais de 20 anos de idade, em 1901.

Dos seus desenhos e pinturas fez o Mestre várias exposições nas principais cidades do País, que foram acolhidas com excepcional entusiasmo.

É de referir a restauração por ele feita, gratuitamente, de todos os quadros existentes no Museu Marítimo desta cidade e de alguns do Museu Arqueológico Infante D. Henrique. Pintou também três telas, expressamente, para o dito Museu Marítimo, onde há uma sala com o seu nome.

Porque foi um Artista sem ambições, é que a sua Obra de Pintor não alcançou a nomeada a que tinha direito.

O Professor Lister Franco também foi escritor e jornalista. Como escritor, publicou, na sua Mocidade, dois livros de contos e novelas com os nomes de “Contos fúnebres” e “Iluminuras”. E também publicou três estudos de Arte.

Como jornalista, escreveu em vários jornais e foi Director do “O Heraldo”, que, durante cinco anos, se publicou nesta cidade.

Exerceu ainda vários cargos públicos, entre eles o de Presidente da Câmara Municipal, Administrador de Concelho e Comissário de Polícia do distrito.

A traços largos, e com a imperfeição própria do homem que sou, aqui fica dito como eu vi e conheci a figura do Professor e Mestre-Pintor que foi Carlos Augusto Lister Franco, a quem os seus admiradores e antigos alunos quizeram homenagear, erguendo esta Memória na Praceta a que a Câmara Municipal resolveu com justiça dar o seu nome.

Antes de terminar estas pobres palavras, não posso deixar, em nome da Comissão que represento, de agradecer ao Exm<sup>o</sup> Sr. Dr. Luís Gordinho Moreira, como ilustre presidente da Câmara Municipal de Faro, o caloroso apoio e colaboração que nos deu para que esta homenagem resultasse completa, não só providenciando para que as placas com o nome do homenageado tivessem um cunho artístico apropriado, mas também para que o projecto da Memória fosse elaborado pelos Serviços Técnicos da Câmara, assim como o arranjo urbanístico da mesma Memória. Neste agradecimento da Comissão se envolve o distinto Arquitecto, Exm<sup>o</sup> Sr. Alfredo Carlos Vilares Braga, que foi o autor do referido projecto e lhe soube imprimir o simbolismo adequado.

Também merecem o agradecimento da Comissão Organizadora desta homenagem as dignas Autoridades Cívicas, Militares, Eclesiásticas e Escolares que se dignaram comparecer ao acto da inauguração da Memória, bem como os representantes da Imprensa, da Rádio, da Televisão, os Bombeiros Voluntários e Municipais, os Escuteiros, os Centros Escolares e ainda a Associação do Futebol do Algarve, cuja presença interpretamos como reconhecimento dos serviços prestados ao Futebol algarvio nos seus alvares pelo homenageado de hoje, o que representou mais uma faceta do rico e curioso espírito do Mestre-Pintor Lister Franco, que em tempo foi revelada ao público por um Relatório da mesma Associação.

O agradecimento desta Comissão estende-se ainda às demais pessoas e entidades que, com a sua presença, avolumaram o brilho desta manifestação de saudade e gratidão pelo grande educador e artista que foi o Professor e Pintor Lister Franco.

Finalmente, esta Comissão, ao dar por terminado o seu mandato, tem a honra e o prazer de entregar ao Património Municipal de Faro esta Memória evocadora do Homem que, em obras de amor e Belesa, procurou manifestar a esta cidade e a todo o Algarve a alegria de aqui ter vivido e realizado o seu sonho de Arte.

Tenho dito.»

Fotos do evento:



### **Doc. 1.3 - Entrevista com Luís Lyster Franco ( bisneto do autor)**

**Queria pedir-te Luís para te apresentares resumidamente e, na tua escolha profissional, de que modo foste influenciado pelas suas obras e trabalhos que viste?**

Eu sou - como foi dito - da área de artes, tenho uma licenciatura em pintura, e é lógico que o convívio com obras de arte (não só do meu bisavô) mas de outros pintores – e não só pintura mas também outros tipos de obras de arte - influenciaram a minha escolha...a par da influência dos meus pais que eram ambos arquitectos, e portanto, contribuíram -sem pressionar- para que eu tentasse seguir as suas pisadas. Comecei, ainda pequeno, por querer ser arquitecto mas depois, por várias vicissitudes e pelas opções de vida, comecei a dar aulas antes de tirar o curso, e quando resolvi acabar o curso comecei com escultura mas entretanto factores vários fizeram-me mudar para pintura.

**Certo. Passemos então ao plano da ética para termos uma noção aproximada dos valores que rodeavam o teu bisavô, - e penso que o facto de ele ter sido, em Faro, administrador do concelho, comissário da policia presidente da câmara e director da escola manifestam algo sob a sua postura social-. Gostava que disseses alguma coisa sobre isto: Como era ele eticamente? Era conservador, liberal? Como era a postura dele perante os outros?**

Eu nunca convivi - logicamente - com ele, visto que faleceu um ano antes de eu nascer e mesmo que tivesse falecido depois nunca teria tido essa noção, portanto, apenas sei o que se conversava em casa.

Penso que ele era uma pessoa muito especial e com uma maneira muito própria de encarar a vida e... penso que seria um 'não alinhado'. Não alinhado, no sentido em que hoje agarrava uma causa amanhã agarrava outra e depois de amanhã era capaz de voltar à primeira, e isto por motivos vários e porque... por exemplo: em questões politicas ele foi republicano desde da primeira hora e participou, foi dos fundadores do partido republicano do Algarve - e há documentação nesse sentido - em simultâneo tenho documentos que mostram que ele tinha uma grande ânsia em ser um individuo ligado à causa monárquica, pois pretendeu numa altura da vida que não posso datar, - tenho esses documentos mas não estão datados - pretendeu pertencer a uma família bem brasonada, e portanto, isso não tinha nada a ver com questões republicanas

No entanto, O pai dele penso – ainda não fiz essa arvore genealógica, essa pesquisa – penso que seria primo direito (em primeiro grau) dos condes do Restelo, mas estes eram condes de uma nobreza recente, portanto, não era algo que viesse realmente de família... e de qualquer modo ele nunca seria descendente desses condes, era apenas parente.

**Provavelmente vem daí o gosto que ele tinha pelos brasões, aqueles desenhos que faz a certa altura?**

Aqueles desenhos de heráldica que ele fez, penso que terão a ver com a sua vida social: por um lado era um bicho do mato, por outro, gostava de provocar as pessoas. Tenho um brasão feito em tela que fez a certa altura - fez dois, em par- que colou nas cortinas da sala de estar, (como se usava então e como vemos hoje nas transmissões do palácio de Belém onde aparecem as armas nacionais, uma em cada lado da cortina) Posteriormente o meu avô mandou recortar e colar sobre madeira a decorar as estantes de livros, a par disso, fez [o bisavô] uma série de estudos de pequeno formato e mandou fazer um anel de brasão e cartões de visita onde ele acrescentou uma série de apelidos muitos dos quais ainda não consegui encontrar a relação com a família mas portanto: Isto são factos completamente incongruentes, como é que um republicano de primeira água como ele foi se dedica e tem pretensões de evocar um passado nobre/monárquico. Não posso localizar isto no tempo mas penso que esta questão monárquica até virá após ter sido um revolucionário da república.

**Reparei que os desenhos do teu bisavô têm semelhanças com os desenhos do Rei D. Carlos, haverá alguma ligação, queria ele dedicar-se a actividades e temas que achava enaltecidos pela prática do monarca?**

Não sei qual era a relação dele com o rei D. Carlos, sei que na biblioteca existem alguns livros com a pintura de D. Carlos, não sei se eram dele ou do filho dele.

**È possível então que exista aí uma simpatia por investigar...**

**Bom, passando para o temperamento, seguindo o nosso guião, sabemos que a certa altura o filho (ou o neto) diz que ele é muito carinhoso com os alunos, não se percebe o tipo de personalidade que ele tinha: Se carinhoso e afável, se ríspido e formal como o conhecemos nas criticas a Pamplona?**

Por tradição oral [sei que] ele era uma pessoa muito severa - e de fugir! - portanto, quem poderá dizer que ele era carinhoso com os alunos será o meu avô, o filho dele. A memória que tenho pelo meu pai é que quando entrava lá em casa não podia respirar, praticamente não podia fazer barulho. E era também uma pessoa que convivia pouco, portanto, não gostava de conviver nem participar em actos públicos. Chegava a mentir às pessoas que o iam convidar para as procissões (para segurar o palio e essas coisas assim) para não ter que ir.

Fazia as coisas mais incríveis:

Lembro-me que uma vez apareceram lá dois ou três indivíduos que vinham da parte do bispo, pois este tinha insistido muito para ele ir numa procissão a segurar o palio, devido a proeminência dele, - ele não era uma pessoa religiosa, nem acreditava em Deus- mas acabou por -deve ter dito- dizer que sim ao bispo para o calar, quando apareceram as pessoas para o irem buscar para os acompanhar à Sé de Faro para a procissão ele disse-lhes:«-olhem desculpem, eu não tive coragem de dizer ao sr Bispo... mas eu sou judeu.»

Pronto. É claro que eles partiram espavoridos, foram ter com o bispo assustadíssimos e o bispo que o conhecia bem disse que não, que devia ser

uma brincadeira e vamos ter que arranjar outra pessoa porque ele não participar.

E também sei por tradição oral - isto contado pelo meu pai – que muitas vezes quando tinha visitas e não queria receber enfiava-se no quarto debaixo da cama escondido, e pedia à esposa dele, à minha bisavó, para dizer que não estava em casa.

No entanto, quando fazia exposições pedia sempre à esposa para rezar por ele e dizia sempre sabes que eu não acredito nisso, mas reza tu por mim para que seja bem sucedida.

### **Mas às suas exposições comparecia de bom gosto...**

Ele só comparecia e participava naquelas actividades que lhe davam mesmo prazer e que ele queria e que partiam da iniciativa dele.

### **Então seria uma pessoa que estava confortável aquando das Homenagens que lhe fizeram?**

Sim penso que sim, que terá gostado da homenagem porque grande parte dos cargos que desempenhou ele aceitou-os e desempenhou-os de bom grado, nunca ouvi dizer que tivesse feito alguma dessas funções de mau grado ou contrariado, isso era uma coisa que ele não fazia. Era simples: quando estava contrariado arranjava maneira de não participar.

**A ultima pergunta prende-se com um pintor austríaco com quem Carlos Augusto Lyster Franco teve contacto, teve conhecimento, e queria perguntar ao Luís, que está a fazer a tese sobre esse autor que passou em Portugal e esteve a dar aulas na escola Tomás Cabreira se haverá alguma relação entre os dois, se de alguma maneira o bisavô terá sido influenciado pelo que viu do Haussmann, que sabemos ser lindíssimo. E até que ponto pensas que ele pode ter sido influenciado, ou se quando viu aquelas obras já era muito tarde para mudar de rumo a nível pictórico... O que te parece?**

Eu penso que eles os dois chegaram (se não no mesmo ano) talvez em anos consecutivos a Faro pela primeira vez, - se bem que o meu bisavô já deveria ter passado em Faro participando nos teatros desmontáveis do pai dele

-.

Mas penso que chegaram em anos consecutivos.

Não sei porque motivo, se por ser português um e o outro não, o meu bisavô chegou –em poucos anos - a director da escola onde estava e o Haussmann foi sempre professor, nunca chegou a director da escola, penso que seria um individuo mais velho, com mais experiência, com mais tempo de serviço – isso era de certeza - porque o Haussmann quando chegou a Faro já tinha dez anos de serviço e o meu bisavô tinha acabado de se formar...

**Provavelmente não dominava tão bem a linguagem? E o teu bisavô sendo escritor para além de pintor teria mais aptidões [literárias] para o cargo?**

Não, não penso assim. Penso que isso seriam coisas institucionais... ou o Haussmann nunca quis ser director da escola, não sei, bom, isto para dizer

que devem ter iniciado uma carreira como colegas eventualmente – eu ainda não esclareci bem isso – na escola Tomás Cabreira que se transformou na escola Pedro Nunes, -penso que foi assim-.

Mas eles devem ter começado os dois, penso, na Tomás de Cabreira, -a não ser que já existisse a Pedro Nunes-, e quando a Tomás Cabreira foi extinta ele tenha passado para a Pedro Nunes – ainda não sei bem como é que isso se passou- seriam colegas, não sei até que ponto eles se contactaram nunca ouvi nada de novo, o meu avô conviveu com o Haussmann que saiu de Portugal em 1916. Muito provavelmente até poderá ter sido professor do meu avô – nunca ouvi dizer isto – Mas o que é um facto é que na obra não noto nenhuma influencia porque o meu bisavô tinha uma grande personalidade: Todas as grandes batalhas que ele travou, quando foi aluno na escola de belas artes de Lisboa, seguiu depois fielmente essas linhas formais ou correntes. Foram essas que ele defendeu ou utilizou até ao final da vida. Fez uma ingressão ou outra noutra tipo de linguagem -algumas muito boas- como o impressionismo... bom, não sei se lhe podemos chamar impressionismo...mas umas pinturas espatuladas que ele fez que são muitíssimo boas, mas são apenas meia dúzia delas – portanto, não era uma linguagem que ele adoptasse por sistema, aquela que lhe dava mesmo mesmo prazer era uma pintura naturalista ou então os *carvões*, o desenho a carvão, com os modelos ‘chapados’ do Allongé, do qual eu tenho um cartaz em casa com um desenho do Allongé, um cartaz grande com 80 por 50 centímetros ou algo assim.

A única coisa que eu sei com certeza é que ele se tornou - por compra em leilão- proprietário dos desenhos do Haussmann e mais alguma pintura e aproveitou alguns desses desenhos para os transformar em pintura, ou seja, serviram de modelo para pinturas que ele fez, mas como exercícios pontuais, nunca executados à maneira de Haussmann [ou tentando copiar o seu estilo].

Nem no Desenho vejo qualquer influência em termos de representação ou de temática, portanto, ele manteve sempre a sua linguagem própria (que era aquela que ele utilizou na sua licenciatura). Abandonou a pintura histórica, não sei porquê, mas abandonou, e pontualmente fez retrato. Tenho alguns retratos feitos por ele, retratos - que não eram feitos do natural- de pessoas com ele conviveu e com quem lidou, como o José Leite Vasconcellos ou pintor espanhol Sorolla, portanto, indivíduos que ele conheceu bem, alguns amigos, que ele retratou através de fotografia. A partir do natural tenho apenas alguns desenhos, não só da Escola de Belas Artes mas também, por exemplo, um desenho da mãe dele no leito de morte e outros desenhos de colegas mas nada de pintura...à pintura do natural nunca se dedicou porque ele no atelier apenas passava, transpunha os apontamentos de campo para grande formato, quer a carvão quer a óleo mais nada.

**Aqueles desenhos grandes, das árvores...pensas que eram feitos que em atelier?**

Penso que seriam feitos em atelier.

**Até aqueles cartões pequenos de visita?**

Sim. Também seria feito em atelier – penso!- não tenho nada que prove nem mesmo por tradição oral ouvi dizer isto, mas devido à delicadeza das obras e devido à *mão* que ele já tinha para fazer aquele tipo de desenho, penso que seriam exercícios que ele fazia, muitos quase a partir da imaginação, mas claro, nada me garante que ele não possa ter levado esses cartões para o

campo e ter feito esses registos a partir do natural, aliás, como está publicado, ele foi o grande defensor de praticar o desenho do natural, - de paisagem - a partir do natureza, ele foi um dos indivíduos que se bateu e conseguiu impor aqui na escola de Belas Artes de Lisboa esse método

**Sim, na enciclopédia aparece sobretudo conhecido como pintor paisagista, é essa a sua 'imagem de marca'.**

É essa imagem que ele assume, que faz transparecer e que coincide com aquilo que eu conheci dele... tirando eventualmente algumas cabeças de expressão que ele pintou, algumas a partir dos desenhos do Hausmann, mas que eram exercícios que lhe davam prazer ou outros que tinha feito na escola como estudante -.

**Damos então por encerrada a entrevista.**

Terei todo o prazer em responder a mais perguntas ou esclarecer alguma

**Obrigada**

Muito obrigado eu.

## **2. Autobiografia**

**Doc. 2.1 - Notas autobiográficas de Carlos Augusto Lyster Franco  
(respectivas ao período entre 1883-1891)<sup>12</sup>**

Notas biográficas de Carlos Augusto Lyster Franco, pintor de Arte pela Escola de Belas Artes de Lisboa e professor de Ensino Técnico Profissional

----

O meu nome?

Carlos Augusto Pinto Camelo Lyster Franco; e meu nome oficial: Carlos Augusto Lyster Franco.

Guardei os apelidos zoologicos para uso domestico ou antes fui obrigado a guarda-los porque, graças a incuria nacional, nem sempre todos os meus apelidos ficaram devidamente registados nos termos de matricula e de exame dos varios estabelecimentos de ensino que frequentei.

A culpa não foi minha. Escrupulizei sempre em escrever o meu nome todo nos requerimentos e demais papelada academica e so a negligencia ou ao comodismo dos que por dever de officio eram obrigados a escritura-los nos varios livros fiquei devendo este obsequio que, ao reunir os meus documentos de habilitação, para entrar no magisterio oficial, me custou uma rectificação no Diario do Governo.

Resultou desta formalidade legal ficar assente e determinado para todo o sempre que Carlos Augusto Pinto Camelo Lyster Franco e Carlos Augusto Lyster Franco são uma e a mesma pessoa.

Actuando em harmonia com a lei do menor esforço passei, de então para cá, a assinar Carlos Augusto Lyster Franco e a firmar as minhas produções artisticas com a rubrica Lyster Franco.

Nasci na freguesia de Nossa Senhora da Ajuda, concelho de Belem, Lisboa, na Rua do Machado, Nº 47, em 5 de Outubro de 1880, motivo por que sou naturalmente patrio do grande Pintor Domingos Antonio de Sequeira que, como se sabe, tambem nasceu em Belem, na mesma freguesia, cento e doze anos antes, facto que em extremo me desvanece.

Sou filho legitimo, primeiro do matrimonio, de Caetano Augusto Pedro Franco e de D. Luisa Adelaide Pinto Camelo Lyster Franco. Meu Pai era natural da freguesia de Santa Maria de Belem, minha Mãe, da freguesia de S. Jose, de Lisboa, onde se matrimoniaram.

Aprendi a ler com a Professora Senhora D. Carlota Amelia Pires, amiga de minha Mãe e directora do Colegio Familiar, na Rua dos Alamos em Lisboa, onde ingressei com a idade de tres anos e com muita satisfação.

O primeiro dia de escola e quasi sempre uma tragedia para todos os neofitos. A criança sai do lar, da vista carinhosa da Mãe para entrar num ambiente estranho cujo vago, desconhecido formalismo a assusta e amedronta.

Ha tal que lacrimajante, supplica como suprema graça ir-se embora, preferindo voltar para casa e ir brincar com os seus "bonitos" a permanecer no ambito do co

<sup>12</sup> Documento dactilografado com notas autobiográficas do autor – desde a infância até ter deixado o Colégio de Brancanes em Setúbal – altura que volta para Lisboa para fazer exame no Liceu Nacional.

Notas biográficas de Carlos Augusto Lyster Franco, pintor de Arte pela Escola de Belas Artes de Lisboa e professor do Ensino Técnico Profissional

---

O meu nome?

Carlos Augusto Pinto Camelo Lyster Franco; o meu nome oficial: Carlos Augusto Lyster Franco.

Guardei os apelidos zoológicos para uso doméstico ou antes fui obrigado a guardá-los porque, graças à incúria nacional, nem sempre todos os meus apelidos ficaram devidamente registados nos termos da matrícula e de exames dos vários estabelecimentos de ensino que frequentei.

A culpa não foi minha. Escrupulizei sempre em escrever o meu nome todo nos requerimentos e demais papelada académica e só a negligência ou ao comodismo dos que por dever de ofício eram obrigados a escrevê-los nos vários livros fiquei devendo este obsequio que, ao reunir os meus documentos de habilitação, para entrar no magistério oficial, me custou uma rectificação no Diário do Governo.

Resultou desta formalidade legal ficar assente e determinado para todo o sempre que Carlos Augusto Pinto Camelo Lyster Franco e Carlos Augusto Lyster Franco são uma e a mesma pessoa.

Actuando em harmonia com a lei do menor esforço passei, de então para cá, a assinar Carlos Augusto Lyster Franco e a firmar as minhas produções artísticas com a rubrica Lyster Franco.

Nasci na freguesia de Nossa Senhora de Ajuda, concelho de Belém, Lisboa, na Rua do Machado, nº 47, em 5 de Outubro de 1880, motivo por que sou naturalmente patrício do grande Pintor Domingos António de Sequeira que, como se sabe, também nasceu em Belém, na mesma freguesia, cento e doze anos antes, facto que em extremo me desvanece.

Sou filho legítimo, primeiro do matrimónio, de Caetano Augusto Pedro Franco e de D. Luísa Adelaide Pinto Camelo Lyster Franco. Meu pai era natural da freguesia de Santa Maria de Belém, minha Mãe, da freguesia de S. José, de Lisboa, onde se matrimoniaram.

Aprendi a ler com a Professora Senhora D. Carlota Amélia Pires, amiga de minha Mãe e directora do Colégio Familiar, na Rua dos Álamos em Lisboa, onde ingressei com a idade de três anos e com muita satisfação.

O primeiro dia de escola e quase sempre uma tragédia para todos os neófitos. A criança sai do lar, da vista carinhosa da mãe para entrar num ambiente estranho cujo vago, desconhecido formalismo a assusta e amedronta.

Ha tal que lacrimajante, suplica como suprema graça ir-se embora, preferindo voltar para casa e ir brincar com os seus “bonitos” a permanecer no âmbito do colégio, livre da influência de livros e de horários... Não aconteceu isso comigo.

Simpatizei tanto com a minha Professora, logo naquele primeiro encontro que, e quando meu pai, que me acompanhara ao colégio, antes de retirar-se, me perguntou, solícito, se eu ficava bem disposto, respondi prontamente, num madrigal tão espontâneo como infantil: Ao pé desta Senhora estarei sempre bem!

Com esta resposta conquistei a simpatia da senhora que, bondosa como era, não pode conter os impulsos do seu coração sem pegar-me ao colo e dar-me muitos beijos. Compreendi que tinha encontrado uma segunda mãe e fiquei ainda mais contente.

Quando chegaram as quatro horas da tarde daquele dia memorável e a criada me foi buscar, foi com um vago sentimento de saudade que sai do colegio, tanto me agradara o carinhoso ambiente que ali encontrei e tão intensa fora a corrente de simpatia que se estabelecera entre a Senhora Professora e o seu novo aluno.

Consolei-me com a ideia de volta no dia seguinte.

D. Carlota era uma Senhora bondosíssima, espirito requeintadamente artistico e que a breve tracho se tornou grande admiradora da minha bonecagem, das composições infantis que, ingenuamente, eu delineava na minha ardosia, nas horas mais que todas aprazíveis do recreio.

Os bonecos feitos por mim mereciam a honra de permanecer por largo tempo na minha pedra e muitas vezes so se apagavam depois de mostrados a pessoas notaveis que visitavam o Colegio, Inspectores, Professoras, damas e cavalheiros da relações de D. Carlota. Frequentemente, rubro de acanhamento, eu era levado pela minha bondosa Professora a presença daqueles illustres visitantes para que ficassem conhecendo o pequeno artista autor de tais obras-primas!

A minha primeira exposição foi constituída por desenhos que, devidamente autorizado pela Senhora, eu fizera na minha e nas maiores ardósias dos meus condiscípulos e condiscípulas da aula infantil. Organizou-a a minha bondosa Professora, no dia do meu nono aniversario e redundou num sucesso que ainda hoje relembro atravez de um luminoso nimbo de saudade!

Entre as visitas do Colegio , destacava-se a figura veneravel do Inspector Primário Simões Raposo (pai) cujas longas barbas infundiam respeito, dando-lhe uma apparencia de mais idoso do que realmente era.

Amigo de meu Pai e sabedor do meu bom aproveitamento escolar, bonecos a parte, aconselhou-o a matricular-me no Colegio de Bracanes, em Setúbal, dirigido pelos Padres Jesuítas, então um dos mais afamados do pais.

Não foi sem um desgosto muito intimo que sai do Colegio Familiar e me separei da minha bondosissima Professora, sempre tão minha amiga ! Tinha ali tantos amigos e tantas admiradoras entre os meus companheiros de estudo! Adeus lindas fitinhas multicores e pontinhas de retroz que, para enfeitar os meus livros, elas me davam

Em prémio da minha bonecagem de maior sucesso! Mas... tinha de ser. "Era preciso fazer de mim um homem", na frase amiga do Inspector Simões Raposo em controversia com D. Carlota que, na sua resistencia contra a idea da minha saida, opinava estar eu ainda em muito boa idade para frequentar o seu Colegio. No debate, meu Pai manteve sempre uma impressionante neutralidade, mas Simões Raposo desenrolou diante dos seus olhos um vasto programa de ensino capaz de ser assimilado por mim, segundo o seu experimentado parecer e acabou por triunfar. Por que não iria eu, um menino tão inteligente, já com onze anos, para um colegio de mais elevada categoria pedagógica? Era preciso fazer de mim um homem!

D. Carlota acabou por concordar, mas não se deu por vencida. Que sim! Que sim! Que levassem o seu melhor aluno para outro Colegio ou Escola, mas que não fizessem do Carlos um advogado, um médico, um sacerdote ou um engenheiro, mas sim um Pintor! Nas Belas Artes e que estava o seu Futuro. E, entusiasticamente, a bondosissima Senhora tornou a fazer mais uma vez o elogio das minhas propensoes artisticas enaltecendo calorosamente a perfeição dos meus desenhos infantis, em que, segundo Ela, havia muita intuição e já um bocadinho daquele fogo sagrado que assinala os predestinados.

A seu tempo se verá, disse meu Pai. Mas ficou assente que eu iria para o Colegio de Bracanes. onde havia muito bons professores e um excelente metodo de ensino. Pela minha parte compreendi que tinha terminado a minha idade dos bonecos e que iria para um colegio em que, em vez de ter todas as ardosias a disposição da minha fantasia criadora, talvez nem me dessem licença para garatujar a vontade na minha propria pedra! Adeus horas aprazíveis do recreio! Mas que remédio! “Era preciso fazer de mim um homem”.

---

O Colegio de Bracanes, a um quilometro de Setubal, era, por assim dizer, uma dependencia do antigo Seminario e ocupava quasi todas as salas do andar terreo do grande edificio fundado em 1682 por Frei António das Chagas, que fora outrora Convento-Hospicio de Missionários Apostolicos, tendo por padroeira Nossa Senhora dos Anjos.

Era uma enorme construção da arquitetura extremamente simples, com largas paredes cortadas por amplas janelas por onde o Sol e o ar entravam a jorros.

O primeiro andar servia de aposentadoria ao Reitor e aos Profesores, todos eclessiasticos, era também ocupado pelos dormitorios dos seminaristas e pelos quartos dos alunos laicos, em regime de internato. Amplos corredores mosaicados ladeavam todos os compartimentos do edificio cujo asseio era por toda a parte inexcedível.

As salas de aula, vastas e arejadas, de tectos abobadados e pavimentos de mármore rosado, estavam providas de magnifico material escolar e eram profuzamente iluminadas por amplas janelas que abriam para o jardim da Cerca, um jardim lindo do que fazia mesmo lembrar o seu emulo das Delicias, tal a suavidade bucólica que sobre ele pairava!

Nas paredes nuas, de escaiola cor de sépia, apenas se destacavam sobre a cathedra do Professor, que se erguia sobre um estrado de madeira, um enorme rectangulo de mármore negro onde, em grandes letras de ouro, em relevo, se lia a palavra “Silencio”. Era impressionante.

Perto do estrado do Professor, quasi em frente, erguia-se um pequeno estrado rectangular de marmore branco que a principio muito me intrigou; vim depois a saber qual a sua applicação pedagogica. Era o refugio peccatorum dos cabulas. Servia para, ajoelhados sobre ele, os maus alunos que não estudavam as lições nem faziam os exercicios, rezarem quantas orações, por castigo, os Padres-Profesores lhes mandavam rezar. Não havia castigos corporais no Colegio mas, no dize(r?) dos cabulas que ali recebiam o castigo da sua cabulice, rezando tres ou quatro Padrenossos em voz alta, seria preferivel que os houvesse, tais as dores que lhes ficavam nos joelhos depois daquelas rezas em penitencia. Apesar disso, não se emendavam, eram quasi

sempre os mesmos que sobre o estrado de marmore branco assim expiavam duramente o grande pecado da sua falta de aplicação ao estudo!

E, todavia, era tão fácil e agradável estudar naquele colegio:

Os Professores- tal como muitos anos depois, com a reforma de João Franco, passou a fazer-se nos nossos Liceus, explicavam sempre meticulosamente as lições, falando-se de forma tão explicita e clara que só quem não estivesse atento sairia da aula sem ficar sabendo bem toda a parte do programa que tinha sido leccionada.

Sem duvida o ambiente era frio, rígido, quasi hieratico, mas singularmente propicio para enraizar no espirito a idea do estudo, (incitando à meditação-escrito a lápis)

Os Padres-Professores, vestindo as suas garnachas negras, de um negro reluzente que os assemelhava a grandes coleópteros, desde que subissem a cathedra, jamais sorriam durante as prelecções. Mas que magnificas lições eles sabiam expor, no seu falar quasi metálico e por vezes estrangeirado!

Que forma subtilíssima em apropriar ao espirito inculto das crianças os assuntos mais transcendentales! Era um gosto ouvi-los! Depois, quando chamavam os alumnos a lição era também admiravel a forma como sabiam conduzir o interrogatorio proporcionando aos interrogados a maior facilidade nas respostas. (dando-lhes a impressão de saberem tudo na pontinha da língua!-escrito a lápis)

O serviço lectivo era sempre matinal, iniciava-se as oito da manha, sempre precedido de uma breve oração na capela do edificio, e terminava ao meio dia. Seguia-se o recreio, que durava duas horas, e a tarde era destinada ao estudo das lições e aos exercicios escritos, o que tudo se fazia sempre sob a orientação de dois ou tres professores que se esmeravam em conseguir o maior rendimento nas materias a estudar. O recreio passava-se no jardim, principiando por meia hora de exercicios de ginastica sueca, seguia-se o lanche e depois quantos folguedos

Preferíssemos, mas sempre sob vigilancia sollicita dos Professores. Eram deliciosas aquelas horas passadas a respirar a atmosfera balsamica do jardim de cujas lindas flores, agrupadas em quinteiros, nos tratávamos com todas a perícia de jardineiros profissionais, sempre na emulação de conseguir da terra os mais lindos exemplares, ao mesmo tempo que nos familiarizávamos com os segredos da Botânica.

Muitas vezes o próprio Reitor presidia ao recreio, acolitado por alguns Professores e todos eles, enquanto vigiavam os alumnos, se dividiam em pequenos grupos, esticando finos arames de latão de que, enfiadas as contas e com alicates especiais, iam fazendo rosários.

Só os alumnos mais applicados gosavam o privilegio, que desfrutei muitas vezes, de auxiliar este interessante trabalho dos Professores.

As boas lições eram sempre premiadas. Lindos cromos representando a imagem de diversos Santos constituíam esses prémios. Cheguei a ter quasi toda a Corte dos Céus entre as paginas dos meus livros escolares!

Durante os dez meses que permaneci no Colegio de Brancanes, como que ficou latente a minha predisposição artistica, naturalmente por falta de qualquer especie de incentivo. Em todo aquele tempo so pensei em estudar e se interrompia esse incessante labor era para entregar-me a profundas meditações que correspondiam a um estado de espirito que nem eu sabia

definir. Pela minha aplicação e ótimo comportamento facilmente conquistara a simpatia de todos os Professores e discípulos, mas nem o carinhoso ambiente em que me sentia envolvido conseguia atenuar as saudades resultantes da ausência da minha Família e das pessoas minhas amigas. Sentia-me num delicioso desterro. Minha Mãe, meu Pai e também minha bondosíssima Professora viviam constantemente em meu espírito no cenário familiar em que me habituara a vê-los. Relembrava as suas palavras amigas e parecia-me até estar escutando as suas vozes afectuosas aconselhando-me só para o bem, só para o estudo!

De facto eram, naqueles momentos, de maravilhoso efeito aqueles aspectos da Natureza. No primeiro plano, a massa dominadora do antigo convento a recortar-se no relvado matizado do jardim, a seguir, na ondulação suave da colina, fontes rumorejantes, ramarias de suaves cambiantes a perderem-se no declive da encosta e nos montes circundantes o alvejar gracioso de casas pequeninas, sob trechos de caprichoso arvoredo; lá em baixo, num contorno subtil, o suave deslizar das águas do Sado que tantas vezes comparei a uma linda faixa de cetim (azul), e ao longe, a uns quatro quilómetros a N.E. as ruínas do vetusto castelo de Palmela que naqueles momentos de magia se tingiam de tons maravilhosos!

Por mais estranho que pareça, não consegui fixar os nomes dos meus Professores do Colegio de Brancanes!

A razão desta lacuna, que profundamente lamento, resultou da pouca permanência que faziam junto de nós, por causa de irem prestar serviços noutras Casas da Companhia. Obedeciam aos estatutos da sua Ordem. Nunca nos faltaram Professores, nunca deixamos de ter aulas em todas as disciplinas, todavia os Professores, depois de quinze a vinte dias de leccionação, eram substituídos por outros que seguiam, depois o mesmo caminho, num roulement incessante. O ensino, porém, nada sofria com isso. A parte do programa ensinada ficava devidamente registada num livro próprio, tal qual mais tarde passou a fazer-se nos estabelecimentos laicos de ensino público, de forma que os Professores novos nada mais faziam do que inteirar-se por aquele registo da matéria que já fora explicada e continuarem a leccionação.

Este sistema pedagógico, defensável como qualquer outro, tinha porém a característica a nota desagradável de quebrar bruscamente quaisquer correntes de simpatia que se estabelecessem entre Professores e alunos. Mas... Era do Regulamento e cumpria-se em absoluto.

A própria Reitoria estava sujeita a estas mudanças, mas menos frequentes.

Consegui fixar os nomes de dois dos Reitores que ali prestaram serviço: Padre Lopes Ramires e Padre Diogo Fonseca, ambos bondosos, muito afáveis, formados em Teologia e pessoas eruditas e muito sábias em práticas de ensino.

Os Horários cumpriam-se rigorosamente, no Colegio tudo funcionava a horas e a tempo, com uma precisão matemática, tal como em obediência a uma poderosa força oculta que actuasse sobre todas as cousas! Era a força directriz daqueles homens experientes, impulsionados todos no louvável desejo de fazerem um bom ensino. E faziam-no!

À Companhia de Jesus podem assacar-se defeitos, não há instituições humanas que perfeitas sejam, mas, com verdade, ninguém pode dizer que os Padres Jesuítas não sabem ensinar!

---

Um dia, o Reitor, Padre Diogo da Fonseca, participou a meu Pai que eu estava habilitado a fazer exame de Instrução Primária Complementar. As classificações obtidas durante a frequência garantiam-me um êxito seguro. Podia requerer exame no Liceu de Setubal ou em qualquer outro, visto que os exames efectuados no Colégio só tinham validade para o Curso Eclesiástico:

-Teríamos um grande prazer se seu filho quizesse seguir nesta Casa todos os seus estudos,- disse o velho Reitor a meu Pai, -é um dos nossos melhores discípulos e, em todas as disciplinas, um dos mais atentos às lições que até hoje têm passado pelas aulas deste nosso Colégio. A sua aplicação e o seu ótimo comportamento asseguram-lhe, a continuar assim, um brilhante futuro.

Meu Pai agradeceu, comovido, as boas palavras do Reitor, mas assegurou-lhe que nunca tinha pensado em fazer de mim um eclesiástico. Nem tal profissão estava nas tradições da nossa família que, embora educada nos princípios religiosos, preferira sempre a carreira das armas e as chamadas profissões liberais.

Ao ouvir assim discutir o meu futuro, naquele amplo gabinete da Reitoria todo iluminado pela luz de um lindo dia de verão, confesso que absolutamente nada me impressionei. Parecia-me estar ouvindo falar de qualquer outra pessoa que não de mim jamais pensara em eternizar-me num Seminário, todavia, no estado vacilante do meu espírito, senti bem que, se naquele momento me imponessem tal vida, resignar-me-ia, indiferentemente, a aceitá-la, tal o vício que a obediência marcara já no meu carácter!

Na verdade, nem tudo me desagradava naquele ambiente tão acentuadamente religioso, sendo uma das mais altas recreações do meu espírito, ouvir música sacra.

O órgão, especialmente, encantava-me. As suas vibrações sonoras, reboando pelas abobadas da linda Igreja do Colégio, pareciam ecoar no meu coração infantil. Deslumbravam-me, também, as grandes festividades religiosas, sempre imponentes de luz e de cor, mas daí a sentir-me impelido para a vida clerical ia um abismo tão grande que nem me atrevia a sondá-lo!

Nas palavras do bondoso Reitor compreendi bem claramente quanto lhe seria agradável a expectativa de ver-me um dia envergando uma garnacha igual à sua, talvez também jungido aquela labuta inglória de ensinar meninos, naquelas salas tão amplas, tão propícias ao estudo, mas tão falhas de simpatia para a minha sensibilidade bisonha! Senti-me, talvez, intimamente lisongead. Bem sabia eu que nem a todos os meus condiscípulos o nosso Reitor desejaria um tal futuro, mais talvez por encontrá-los insubmissos que falhos de inteligência, mas...seguir o sacerdotio, nunca.

---

Dias depois, entre abraços dos condiscípulos e bênçãos do Reitor e dos Professores, saí do Colégio de Brancanes.

Meu Pai resolvera o meu regresso a casa, para requerer exame no Liceu de Lisboa

Na véspera da minha saída, lembro-me bem de que, no intuito de despedir-me daqueles lugares que, naturalmente, não tornaria a ver, antecipei a hora do meu passeio matinal de forma a poder percorrer não só toda a vasta cerca do Colégio, mas também a linda estrada que o liga a Setubal.

No fim da cerca, detive-me por algum tempo junto do massiço de plátanos que a circundavam, lindas arvores que tantas vezes me tinham servido de umbela, resguardando-me do sol, durante as horas de estudo, nas agradabilíssimas manhãs de verão.

Sentei-me num dos bancos de pedra que ali havia, -no meu, - a despedir-me daquelas arvores bondosas, que me habituara a considerar amigas desde o meu primeiro dia passado no Colégio. Ao sair daquele sitio, alanceado pela saudade das horas de doce quietação espiritual que ali vivera, pareceu-me que as lindas arvores correspondiam ao meu sentir, enviando-me, por despedida, um enxame das suas folhas cor de ouro! Foi um lindo passeio cujos aspectos ainda hoje relembro saudosamente. A crise espiritual em que me debatia perante as incertezas do futuro, a idea aliciante de regressar à companhia da minha familia e de voltar a sentir-me envolvido na suave atmosfera de carinho com que minha Mãe sempre me rodeava, tudo concorria para que a minha perturbação, deveras intensa, fosse um mixto de saudade e anseios. Saudades daquela idílica tranquilidade de que ia separar-me para sempre, anseios pelas indecisões de um futuro cujas directrizes nem vagamente ainda eu sabia determinar!

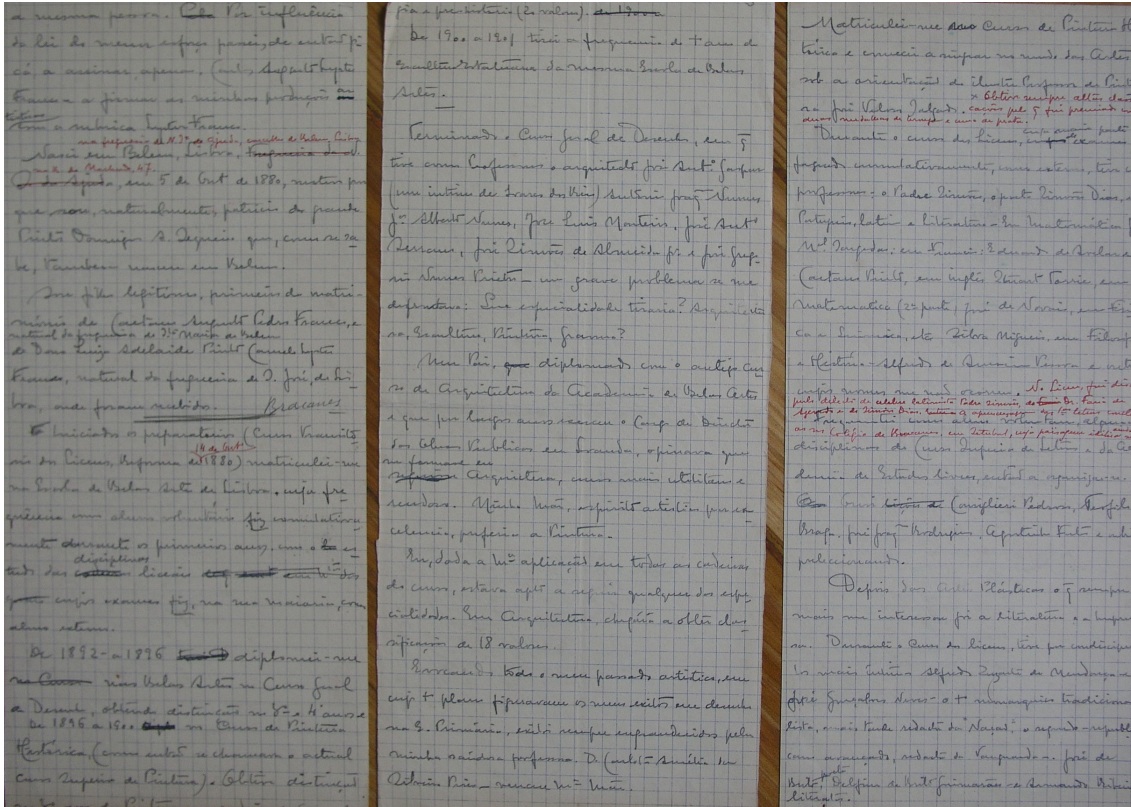
---

Foi tão festivo como se do regresso do filho pródigo se tratasse, o dia em que cheguei a casa de meus Pais. Aguardava-me toda a familia que me recebeu carinhosamente. Minha Mãe, sempre extremosissima, não sossegou enquanto não lhe descrevi, pormenorizadamente, toda a minha vida colegial. Tivera, é certo, muitas cartas minhas, descrevendo-lhe o meu viver no Colégio de Brancanes e contando-lhe todas as minhas impressões, mas a palavra escrita jamais atinge o poder emocional da palavra falada e por isso minha Mãe, a pretexto de que tudo lhe tornasse a contar, examinou meticulosamente a minha consciência, no desejo de obter a certeza absoluta de que nem por instantes esquecera as suas recomendações. O seu interrogatorio findou com esta pergunta: E fizeste muitos desenhos? Humildemente lhe confessei que em todo aquele tempo só fizera os desenhos da aula, uns rudimentos de desenho geométrico e alguns ornatos copiados do Compendio de Desenho do Teodoro da Mota. Minha Mãe pareceu inquietar-se com esta informação. Desejaria, decerto, que eu lhe pudesse apresentar quaisquer desenhos artisticos que falassem a sua sensibilidade numa tradução fiel do meu sentir. Advinhei o seu desgosto e espontaneamente confidenciei-lhe que, naquele ambiente do Colégio, preferia pensar em vez de desenhar e contei-lhe as minhas horas de meditação de manhã e à noite, sem nunca deixar de ver nascer o sol nem o seu vespertino agonizar. Descrevi-lhe os meus passeios matinaes pela cerca e a minha predilecção de estudar sob a frondosa ramaria dos plátanos. Mostrei-lhe a minha linda colecção de santos obtida como premiadas lições. Esta exhibição pareceu-me ter preocupado intensamente minha Mãe que terminou assim o seu inquérito: Pensas em voltar para Brancanes? Parece-me que não te desagradou a vida que lá tiveste?

- Sim, minha Mãe, não me desagradou aquela vida tão diferente da que eu estava habituado a viver até ali, mas não penso em voltar ao Colégio. Só tenho, agora, um pensamento: poder viver sempre junto da minha querida Mãe!

Um dilúvio de beijos num orvalho de lágrimas, foi a resposta ás minhas palavras.

Doc. 2.2 - Notas autobiográficas de Carlos Augusto Lyster Franco  
(respectivo ao período entre 1892-1901)<sup>13</sup>



13 Documentos autobiográficos manuscritos por Carlos Augusto Lyster Franco onde se encontram descritas: as razões para a escolha da especialização em Pintura Histórica; os nomes de alguns professores que teve na Escola de Belas Artes; alguns nomes de artistas e notáveis da sua época (com quem conviveu) e as circunstâncias que o levaram a aceitar a nomeação para professor de desenho em faro.

(...) Iniciados os preparatórios (Curso transitório dos Liceus, Reforma de 1880) matriculei-me na Escola de Belas Artes de Lisboa, cuja frequência como aluno voluntário fiz cumulativamente durante os primeiros anos com o estudo das disciplinas liceais cujos exames fiz, na sua maioria, como aluno externo.

De 1892 a 1896 diplomei-me na Belas Artes no Curso Geral de Desenho, obtendo distinção no 3º e 4º anos e de 1896 a 1900 no Curso de Pintura Histórica, (Como então se chamava o actual Curso Superior de Pintura). Obtive distinção no 3º ano de Pintura, na cadeira de Arqueologia e prehistoria (20 valores).

De 1900 a 1901 tirei a frequência de mais um ano de Escultura Estatuária da mesma Escola de Belas Artes.

---

Terminado o Curso Geral de Desenho, em que tive como professores o arquitecto José António Gaspar (um intimo de Soares dos Reis) Antonio Joaquim Nunes, J. Alberto Nunes, José Luís Monteiro, José Antonio Serrano, José Simões de Almeida Jr. e José Gregório Nunes Prieto - um grave problema que me defrontava: Que especialidade tiraria? Architectura, Escultura, Pintura, Gravura?

Meu Pai, diplomado com o antigo curso de Architectura da Academia de Belas Artes e que por longos anos exerceu o Cargo de Director das Obras Publicas em Luanda, opinava que me formasse em Architectura, curso mais utilitário e rendoso. Minha mãe, espírito artistico por excelência, preferia a Pintura.

Eu, dada a minha aplicação em todas as cadeiras do curso, estava apto a seguir qualquer das especialidades. Em Architectura, chegaria a obter classificações de 18 valores.

Evocando todo o meu passado artístico, em cujo maior plano figuravam os meus êxitos em desenho na E. Primária, êxitos sempre engrandecidos pela minha saudosa professora D. Carlota Amélia [?] Pires – venceu minha mãe.

Matriculei-me no Curso de Pintura Histórica e comecei a singrar no mundos das Artes sob a orientação do ilustre Professor de Pintura José Veloso Salgado. Obtive sempre altas classificações pelo que fui premiado com duas medalhas de bronze e uma de prata.

Durante o curso dos Liceus, cuja maior parte dos exames fui fazendo cumulativamente, como externo, tive como professores – o Padre Simões, o padre Simões Dias, em Português, latim e literatura – Em Matemática José Manuel [?] ; em Francês: Eduardo de Avelar e Caetano Pinto, em inglês Stuart Torrie, em Matemática (2ª parte) José de Novais, em Física e Química [?] Silva Migueis, em Filosofia e História Alfredo de Amorim Pessoas e outros cujos nomes não me ocorrem.

Frequentei como aluno voluntário algumas disciplinas do Curso Superior de Letras da Academia de Estudos Livres, então a organizar-se.

Gozei lições de Consiglieri Pedroso, Teófilo Braga, José Joaquim Rodrigues, Agostinho Freitas e outros preleccionados.

Depois das Artes Plásticas o que sempre mais me interessou foi a literatura e a Imprensa. Durante o Curso dos Liceus tive por condiscípulos mais íntimos Alfredo [?] de Mendonça e José Gonçalves Neves – o mais monárquico tradicionalista, mais tarde redactor da Nação (...)

Convivi também com Alfredo Serrano [?] quando este futuro notável escritor e crítico de Arte começou a aparecer, às tardes, na E. de Belas Artes, para posar para o retrato que dele pintou o seu condiscípulo na Casa Pia e meu contemporâneo naquela Escola – Pedro da Fonseca Guedes actual bibliotecário da Sociedade Nacional de Belas Artes.

(...)

As exposições que tenho feito?

Em Lisboa, concorri a todas as exposições escolares, - quer como aluno do Curso Geral de Desenho quer como aluno de Pintura Histórica-. Nestas exposições de pintura, além de estudos de modelo vivo, apresentei muitos esboços – sempre dos melhores classificados – Recordo-me, entre eles – dos seguintes: adoração dos Reis Magos- Rapto das Sabinas – Cícero e Catalina - Ascensão de Cristo, Batalha de Aljubarrota, etc. Entre eles alguns classificados com 18 valores-

A minha primeira exposição individual foi feita no Salão de Vendas, em Lisboa, em 1897 ou 98 – como o quadro – Milagre de Ourique, que foi muito bem recebido pela critica, merecendo referencia especial a resignada expressão do [?]

Também concorri por várias vezes às Exposições a favor dos Profissionais da Imprensa –

Terminado o curso de Pintura matriculei-me no curso de Escultura sob a direcção do grande mestre Simões de Almeida (tio), de que tirei o primeiro ano e seguiria se, por esse tempo o Sr. Dr. Abel de Andrade, então Director Geral de Instrução Pública, não se tivesse lembrado de nomear-me professor de Desenho do Liceus Nacional de Faro, onde, por azares da sorte, os alunos, já a meio do ano lectivo, estavam correndo o risco de ficarem todos cortados na disciplina de Desenho graças ao precário ensinamento recebido. Eu então não conhecia o Algarve, mas os meus condiscípulos algarvios, o architecto Norte Jr. e o cenógrafo Joaquim Viegas falavam-me com tanto entusiasmo das belezas da sua província que aceitei o convite do Dr. Abel de Andrade e transformado em Messias pedagógico, surgi na cátedra do liceu, perante a multidão atónita dos alunos, alguns dos quais eram mais idosos do que o seu novo professor.

## Doc. 2.3 - Autobiografia resumida de Carlos Augusto Lyster Franco de 7 de Agosto de 1928 <sup>14</sup>

Meu Exm<sup>o</sup> Ilustrissimo e Presadissimo Amigo,

Serviços officiaes inadiaveis, só ha dois dias ultimados, forçaram-me, muito contra minha vontade, a demorar até hoje a resposta à presadissima e affectuosa carta de V. Ex<sup>a</sup>. de 25 do mês passado, para o que peço muita desculpa.

Agradeço, penhoradissimo, a sua gentilissima lembrança para a qual, todavia, sem falsa modestia, me escasseiam as indispensaveis qualidades e merecimentos. Os poucos que possuo só a excelente amizade de V. Ex<sup>a</sup>. desveladamente engrandece.

O que até hoje tenho feito é insignificantissimo, como claramente se deduz da enumeração que segue e que, a titulo de curiosidade, transmito a V. Ex<sup>a</sup> nao só para demonstrar-lhe o meu grande reconhecimento, como tambem para evidenciar a pouco valor da minha personalidade tão favoravel e imerecidamente apreciada por V. Ex<sup>a</sup>.

Eis, a largos traços, a minha biografia:

No Liceu, fui discipulo dilécto do celebre Padre Simões, de Faria de Azevedo Simões Dias e outros cujos nomes me não ocobrem. As primeiras letras aprendi-as no Colegio de Brancanes, em Setubal...

Fiz, com distincção, os 3<sup>o</sup> e 4<sup>o</sup> anos do Curso Geral de Desenho da Escola de Belas Artes de Lisboa e tambem o 3<sup>o</sup> ano do Curso Especial de Pintura Historica da mesma Escola, obtendo 20 valores na Cadeira de Arqueologia e Eristoria, dados pelo ilustre Professor que foi o Dr. Sousa Viterbo. Completei estes Cursos, tendo como Professores José Nunes Junior, Jose Gaspar, Alberto Nunes, Joaquim Prieto, José Luis Monteiro, Calmels, Simões de Almeida e Veloso Salgado. Obtive sempre altas classificações pelo que fui premiado com duas medalha de bronze e uma de prata. Tudo isto desde 1892 a 1900.

No concurso de provas publicas e documentais para o lugar de professor da 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> disciplinas do Ensino Industrial, em Julho de 1905, fui o 2<sup>o</sup> classificado. Eram mais de 30 os concorrentes!

Nomeado professor provisorio da Cadeira de Desenho no Liceu Nacional de Faro, ali prestei serviço desde Abril de 1901 até 1909, regendo tambem Francis

<sup>14</sup> Documento com data de 7 de Agosto de 1928, com resumo da actividade profissional de 27 anos de ensino de Carlos Augusto Lyster Franco. Esta carta é enviada a um familiar de Tomás Cabreira – patrono da Escola onde lecciona – pedindo que este interceda por ele junto ao Ministério com vista a acelerar o restabelecimento da antiga categoria (de escola industrial e comercial) do estabelecimento. Em simultâneo, pede que se sejam feitas as diligências necessárias para que lhe seja reconhecida [a Lyster Franco] a segunda diuturnidade adquirida pelo tempo de serviço e prestação pública.

Meu Exm<sup>o</sup> Ilustríssimo e Presadíssimo Amigo:

Serviços oficiais inadiáveis, só há dois dias ultimados, forçaram-me, muito contra minha vontade, a demorar até hoje a resposta à presadíssima e afectuosa carta de V.Ex<sup>a</sup> de 25 do mês passado, para o que peço muita desculpa.

Agradeço penhoradíssimo, asua gentilíssima lembrança para a qual, todavia, sem falsa modéstia, me escasseiam as indispensáveis qualidades e merecimentos

Os poucos que possuo só a excelente amizade de V.Ex<sup>a</sup> desveladamente engrandece.

O que até hoje tenho feito é insignificantíssimo, como claramente se deduz da enumeração que se segue e que, a titulo de curiosidade, transmito a V. Ex<sup>a</sup> não só para demonstrar-lhe o meu grande reconhecimento, como também para evidenciar o pouco valor da minha personalidade tão favoravel e imerecidamente apreciada por V. Ex<sup>a</sup>.

Eis a largos traços, a minha biografia:

No liceu, fui discípulo dilécto do celebre padre Simões, de Faria de Azevedo Simões Dias e outros cujos nomes me não ocorrem. As primeiras letras aprendera-as no Colégio de Brancanes, em Setúbal....

Fiz com distinção, os 3<sup>o</sup> e 4<sup>o</sup> anos do Curso Geral de Desenho da Escola de Belas Artes de Lisboa e também o 3<sup>o</sup> ano do Curso Especial de pintura Historica da mesma Escola, obtendo 20 valores na Cadeira de Arqueologia e Preistoria, dados pelo ilustre Professor que foi o Dr. Sousa Viterbo. Completei estes Cursos, tendo como Professores José Nunes Júnior, Jose Gaspar, Alberto Nunes, Joaquim Prietro, José Luís Monteiro, Calmels, Simões de Almeida e Veloso Salgado. Obtive sempre altas classificações pelo que fui premiado com duas medalhas de bronze e uma de prata. Tudo isto de 1882 a 1900.

No concurso de provas publicas e documentais para o lugar de professor da 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> disciplina do Ensino Industrial, em Julho de 1905, fui o 2<sup>o</sup> classificado. Eram mais de 30 os concorrentes!

Nomeado professor provisorio da Cadeira de Desenho no Liceu Nacional de Faro, ali prestei serviço desde Abril de 1901 até 1909, regendo também Francês , Inglês, Geografia e Historia.

A minha desluzida obra literária cifra-se no seguinte:

Redactor do Distrito de Faro e do Heraldo de Tavira, desde 1903 a 1911.

Redactor principal do Heraldo de Faro desde 1912 a 1917.

Colaboração literária em todos os periódicos algarvios desde 1903 até hoje. Colaboração na Folha de Beja, na Primavera, de Figueiró dos Vinhos e no Biario Popular de Lisboa.

Publiquei: Contos Fúnebres- I vol.- 1905. Iluminuras-contos e novelas-I vol 10908. \_Um grande escultor – John Flaxman e a sua obra vol. 1915.

Em 1909 elaborei, em obdiencia à Portaria de 12 de Fevereiro do mesmo ano o Relatorio respeitante à remodelação do programa da Cadeira de Desenho no ensino liceal, publicado no n<sup>o</sup> 402 do apendice ao Diário do Governo de 9 de Outubro de 1909, trabalho que me foi muito apreciado.

Em 30 de Novembro de 1910 efectuei, sob determinação do Governo Provisorio uma prelecção sobre a Bandeira Nacional que foi classificada de brilhante por toda a imprensa algarvia. Em 1914, publiquei o Cancioneiro do

Povo, folheto nº1 da colecção do Herald. Em 1916 tive a honra de colaborar na Publicação Comemorativa do Iº centenario de D. Francisco Gomes do Avelar e em 1922 na homenagem a António Cabreira, - Publicação comemorativa das suas bodas de prata académicas.

Ao Instituto Arqueológico do Algarve apresentei as dissertações A mitologia na América e Luís de Camões, a primeira na comemoração do centenario de Cristóvão Colombo e a segunda na primeira comemoração oficial do imortal auctor dos Luziadas decretada pelo Governo da Republica.

Em 1925 discursi na sessão de homenagem a memoria do ilustre algarvio, o herói-martir Marechal de Campo Tomas Cabreira.

Em 1924 Colaboração na revista literária de propaganda regional O Nosso Algarve, no numero único Os algarvios a João de Deus e no Luzitano em homenagem ao mesmo ilustre Poeta. Em Julho do mesmo ano, colaboração no numero único Aza de Portugal, homenagem aos intrépidos aeronautas portugueses Brito Pais, Sarmiento de Beires e Manuel Gouveia.

Em 1927 colaboração na revista literaria Terras de Portugal e em 1928 no 2º volume do Guia de Portugal, na parte respeitante ao Algarve.

A minha obra artistica iniciiei-a em 1897, pintando "O milagre de Ourique", primeiro trabalho que expuz em Lisboa e que, apesar de ingénuo, foi elogiado pela critica. Pinteii mais os seguintes quadros históricos: " A Ceia de Emauz" 1899. "A rainha de Castela, D.Maria, pedindo auxilio a seu pai, D. Afonso IV, de Portugal, contra os mouros"1900, assunto baseado na magistral descrição de Camões, e "Martim de Freitas depondo as chaves do castelo de Coimbra nas mãos do cadáver de D. Snacho II", em 1903.

Tive a honra de ser o iniciador das exposições de Arte no Algarve, realizando a primeira em 1908, a segunda em 1909, a terceira em 1912, a quarta em 1915?, a quinta em 1917 e a sexta em 1927. As tres primeiras nos salões do palácio Pantoja, a quarta nas salas da Escola Industrial, aquinta no salão do Teatro Letes e a ultima numa das salas do Hospital da Misericórdia de Faro e a favor do mesmo Hospital.

Em 1910 expuz em Coimbra e em 1915 tambem expuz no Casino da Praia da Rocha, por ocasião do Iº Congresso Algarvio.

Em 1910, confeccionei, de colaboração com Ezequiel Pereira, a pedido da Camara Municipal de Faro, a primeira Bandeira Oficial da Republica, segundo o projecto de Columbano. Dirigi, a pedido da mesma Camara, o tratamento de todos os quadros actualmente existentes no Museu Arqueologico de Faro e em 1914 fui nomeado tambem pela Camara para fazer parte da Comissão Reorganizadora do Museu Arqueologico e Lapidar do Infante D. Henrique, a cargo da referida Camara.

Em Lisboa efectuei as seguintes exposições de Arte: Em Junho de 1921 e Abril de 1922, no Salão Nobre do Teatro Nacional. Em Abril de 1923 no Salão de Ilustração Portuguesa, Em Junho de 1924 no Salão Bobone e em Julho do mesmo ano no Salão do Iº de Janeiro, no Porto. Todas mereceram da critica o mais lisonjeiro acolhimento, como testemunham os jornais da epoca, e vendi bastantes quadros.

Louvores oficiais tive os seguintes:

Fui louvado pelos serviços prestados no júri dos exames de saída do Liceu Nacional de Faro, pelo respectivo Presidente, no ano lectivo de 1908-1909. Diário do Governo nº 264, de 7 de Julho de 1910.

Fui louvado pelo Snr. Governador Civil de Faro, Dr. Lino Gameiro, em telegrama dirigido ao Exm<sup>o</sup> Ministro da Instrução, em 25 de Julho de 1914, “pela perfeição e gosto dos trabalhos exposto na Exposição Escolar do mesmo ano. (Ofício nº 307 da 1<sup>a</sup> Repartição do Governo Civil de Faro.

Fui louvado pelo Snr. Governador Civil de Faro, Dr. Joaquim da Ponte, em seu ofício nº 163, de 9 de Novembro de 1916, ao Exm<sup>o</sup> Snr. Ministro da Instrução Publica “pela orientação dada à Escola e bom aproveitamento dos alunos comprovado pela respectiva exposição escolar do mesmo ano.

Tambem fui louvado pela Direcção Geral do Ensino Comercial e Industrial, por ter procedido, em comissão gratuita de serviço, à instalação da Escola Elementar de Comercio e Industria de João de Deus, em Silves. (Ordem de Serviço nº 435 de 11 de Agosto de 1920.

Em 3 de Maio de 1919 fui alvo de uma significativa homenagem em que colaboraram Professores e alunos da Escola. Em sessão solene presidida pelo então Governador Civil de Faro, o heróico Comandante José Mendes Cabeçadas, foi inaugurado o meu retrato e ofereceram-me uma linda pasta contendo uma honrosa mensagem com muitas assinaturas. Assistiram as pessoas mais notaveis da cidade, estando largamente representado o professorado, a imprensa, etc. Houve lindos discursos.

Foi este um dos maiores golpes que a minha modéstia tem sofrido e tambem a maior compensação que até hoje recebi pela minha dedicação à Escola!

Em 1922 fui promovido a vogal da Academia de Sciencias de Portugal em sessão de 23 de Janeiro de 1922, penhorante lembrança de V.Ex<sup>ã</sup>a.

Eis quasi a lista completa dos meus serviços e trabalhos.

A completa-la, direi tambem que, em 21 de Março de 1919 tomei posse do cargo de membro da Comissão Municipal Administrativa do Concelho de Faro, sendo eleito Presidente da mesma na primeira sessão da referida Comissão, realisada no citado dia, cargoque exerci até 14 de Agosto de 1919. Durante o mesmo período fui presidente do Celeiro Municipal de Faro que liquidei pagando todos os seus encargos, na importância de 42.000\$00 e deixando em cofre um importante saldo, o que foi superiormente elogiado. Foi o meu tirocínio em materia de serviços de p\_blica [pública] administração e, felizmente, coroadado de magnifico êxito.

Agora o reverso da medalha: Apesar dos meus bons esforços, superiormente constatados e reconhecidos, na [não] consegui evitar que a Escola perdesse pela organização de 1919 a sua antiga categoria de Industrial e Comercial. Foi então desdobrada em duas simples escolas elementares: A Escola de Artes e Ofícios de Pedro Nunes e a Escola Comercial d [de] Faro. Esta nem nome lhe ficou! Felizmente ocorreu-me coloca-la sob a égide gloriosa do inesquecive le prestantissimo algarvio que foi Tomas Cabreira, oque, com oapoio de todos os intelectuais do Algarve e com pronta coadjuvação do Instituto Arqueologico do Algarve então presidido pelo meu saudoso Amigo e ilustre Poeta Dr. Rodrigues Davim, facilmente consegui em 1921. Tal era a justiça da homenagem que se prestava ao engenheiro civil distintíssimo, ao Lente ilustre da Faculdade de Sciencias da Universidade de Lisboa, ao deputado, senador e Ministro das Finanças cuja passagem pelo poder tanto honra o Algarve!

No Diário do Governo nº 11, de 17 de Janeiro de 1921, foi então publicada a Prtaria nº 2576, do teor seguinte: “Tendo em atenção o sentir de

todos os Intelectuais do Algarve e o que representou o Conselho Escolar da Escola Comercial de Faro para que a essa Escola fosse dado o nome do insigne economista e ilustre Professor Algarvio, Tomas António da Guarda Cabreira: manda o Governo da Republica pelo Ministério do Comercio e Comunicações, que a Escola Comercial de Faro passe a denominar-se Escola Comercial de Tomas Cabreira. Paços do Governo da Republica, 17 Janeiro de 1921. O Ministro do Comercio e Comunicações, António Joaquim Ferreira da Fonseca.”

Logo que saiu esta Portaria organizei a Sessão solene em que se prestou homenagem ao ilustre Patrono, inaugurando-se o seu retrato oferecido por V.Ex<sup>a</sup>.

Foi uma sessão brilhantíssima em que usaram da palavra vários oradores, descrevendo eu, embora deslucidamente, a biografia do excelso Patrono da Escola.

Todo o Algarve sancionou com o seu agrado a justa homenagem prestada a um dos seus filhos mais ilustres e a Academia de Sciencias de Portugal concedeu a Conselho da Escola uma medalha de benemerência pela sua iniciativa.

Sempre animado pelo bom desejo de ver engrandecida a Escola Comercial de Tomas Cabreira, digo-o sem sombra de vaidade, solicitei do Snr Coronel Júlio Cezar de Carvalho Teixeira, então Ministro do Comercio, quando nos visitou, em 19 de Março de 1927, inaugurando a nova instalação da Biblioteca, que à mesma fosse restituída a sua antiga categoria sendo novamente reunidas em uma só as duas Escolas técnicas de Faro. Neste meu pedido fui secundado pelo Director da Escola de artes e Ofícios e pelo Comandante José Mendes Cabeçadas, meu examinando em Filosofia no Liceu de Faro em 1901. O Snr. Ministro achou muito justo o pedido e prometeu satisfaze-lo, mas saiu do ministerio sem ter podido cumprir a sua promessa.

Sua Ex<sup>a</sup> ficou tão bem impressionado com a sua visita à Escola que me abraçou comovidamente, felicitando-me pela instalação nova da Biblioteca cujo funcionamento, embora em casa menos apropriada, data de 20 de Novembro de 1920, tendo precedido 8 anos a do Liceu, estabelecimento que teve sempre muito mais importantes recursos.

É esta uma iniciativa que sobremaneira me desvanece pelos escelentes resultados colhidos pelos alunos.

Mas, na verdade, o que não faz sentido é que Faro, capital do Algarve, esteja sob o ponto de vista do Ensino Técnico inferior a Silves que teve desde principio, graças à politica, a Ecola Elementar do Comercio e Industria de João de Deus, tendo o seu pessoal com muito menos tempo de serviço, muito maior remuneração.

Sobre o tempo de serviço, releve-me V. Ex<sup>a</sup> que lhe comunique o seguinte: Completei em Outubro de 1927 vinte anos de serviço de magistério nesta Escola, além de seis no Liceu, dois na Escola Normal e sete e nove meses na Escola Primáris Superior de Faro. Requeri, em termos, a segunda diuturnidade (Notas de serviço n.º 25 e 28, respectivamente de 5 e 29 de Dezembro de 1927, pois apesar de tratar-se de um caso de justiça, ainda até hoje nada surtiu a tal respeito).

É anterior às chamadas medidas de salvação publica o meu direito à segunda diuturnidade, todavia, já depois destas publicadas, vi anunciado um

decreto concedendo diuturnidades a dois professores contratados das Escolas de Lisboa.

Felizes colegas!

Poderia V. Ex<sup>a</sup>, meu muito querido e ilustre amigo, fazer a especialíssima fineza de interceder por todos estes assuntos de forma a conseguir-se que na próxima reforma de serviços seja restituída a esta Escola a categoria a que tem incontestável direito? É uma justa aspiração não só minha mas de todo o professorado das duas Escolas Técnicas de Faro.

Poderia também V. Ex<sup>a</sup>, com a sua valiosa influencia, conseguir que, como é de justiça, me seja valorizado pelo reconhecimento e concessão da segunda diuturnidade a que tenho direito pelo serviço publico que tenho prestado e cujos traços principais antecedentemente indico?

Creia V. Ex<sup>a</sup> que seria para mim um valiosíssimo obsequio a acrescentar aos muitos que lhe sou devedor, tanto mais para agradecer quanto é certo ser exíguo o meu vencimento e a vida encarecer aqui de dia para dia como no tempo em que, em vez de reduzidos eram aumentados os ordenados...

Junto cópia do discurso que tive a honra de proferir na inauguração do mausoléu da ilustre familia de V. Ex<sup>a</sup>.

Pedindo a V. Ex<sup>o</sup>: que me desculpe um tão grande abuso da sua muita bondade, tenho a subida honra de subscrever-me com a maior consideração e estima

De V. Ex<sup>a</sup>

Admirador muito sincero, venerador e amigo reconhecidíssimo,

Faro, 7 de Agosto de 1928

## Doc. 2.4 - Notas autobiográficas de Carlos Augusto Lyster Franco "Como prefere a pintura?"<sup>15</sup>

Como prefere a Pintura?

Não tenho preferencias por Escolas nem por estilos. Admiro antigos e modernos. Prefiro, todavia, a Pintura que traduza com a maior fidelidade emotiva o assunto que lhe serviu de tema, modus faciendi à parte, isto é, quer seja a óleo, aguarela, pastel ou guache.

Como compreende a Pintura?

Como expressão máxima do pensamento humano. Linguagem ideografica perfeitissima ao alcance de todas as inteligencias, meio fácil e dos mais simples para comunicar com os nossos semelhantes, - espécie de "terra de ninguém" - que afinal pertence a toda a gente, a todos os homens de boa vontade e onde cabem todas as aspirações e devaneios.

Quais os motivos que mais o atraem?

Assuntos historicos e paisagem; aqueles dão aos pintores a possibilidade de interpretar todas as facetas dessa esfinge de misterio que é a alma humana. A paisagem porque, mantendo os artistas em comunicação com a Natureza, lhes proporciona o ensejo de admirarem em todos os seus prodigios de forma e de colorido, evidenciando que uma arvore ou um rochedo, um poente ou um amanhecer podem constituir temas pinturescos, assumir tanto valor estético como as deambulações de Edipo, o suplicio de Ugolino ou as cenas de cabaret tão admiravelmente pintadas-ia a dizer descritas por Degas...

Pinta há muito?

Desde menino e moço. Iniciei os meus trabalhos na aula infantil, desenhando na ardósia as minhas "composições". Lembro-me de que o naufrágio do Ville de Victoria ocorrido no Tejo, e o incendio do Teatro Baquet, no Porto, de tal maneira falaram à minha sensibilidade de criança que procurei interpreta-los, por minha conta e risco, em composições várias, não só na minha ardósia, mas também nas dos meus condiscipulos, o que fiz, precedendo auctorização da minha bondosa Professora que, certamente por ver em mim um Genio da Arte em miniatura, me concedeu liberrimamente licença para utilizar todas as ardósias do colégio logo que a classe concluisse a feitura dos problemas de Aritmetica. Assim me iniciei, sem qualquer idéa preconcebida, no culto avassalante da Arte. Gostava de fazer bonecos, eis tudo! Depois, feitos os preparatorios, ingressei na Escola de Belas Artes de Lisboa, fui aluno premiado, com temporaneo de Constantino Fernandes e Sousa Lopes, e discipulo do grande estatuari Simões de Almeida, tio e do grande pintor Veloso Salgado. O primeiro ensinou-me a desenhar, o segundo, a pintar. Bem? Mal? Só a Critica pode dizê-lo.

Nas cadeiras auxiliares tive como professores: em Anatomia, o Dr. José António

<sup>15</sup> Documento dactilografado onde Carlos Lyster Franco simula uma entrevista na qual se dá a oportunidade de discorrer sobre as suas preferências artísticas

Como prefere a Pintura?

Não tenho preferências por Escolas nem estilos. Admiro antigos e moderno. Prefiro, todavia, a Pintura que traduza com maior fidelidade emotiva o assunto que lhe serviu de tema, *modus faciendi* à parte, isto é, quer seja a óleo, aguarela, pastel ou guache.

Como compreende a Pintura?

Como expressão máxima do pensamento humano. Linguagem ideográfica perfeitíssima ao alcance de todas as inteligências, meio fácil e dos mais simples para comunicar com os nossos semelhantes, - espécies de “terra de ninguém” – que afinal pertence a toda a gente, a todos os homens de boa vontade e onde cabem todas as aspirações e devaneios.

Quais os motivos que mais o atraem?

Assuntos históricos e paisagem; aqueles dão aos pintores a possibilidade de interpretar todas as facetas dessa esfinge de mistério que é a alma humana. A paisagem porque, mantendo os artistas em comunicação com a Natureza, lhes proporciona o ensejo de a admirarem em todos os seus prodígios de forma e de colorido, evidenciando que uma árvore ou um rochedo, um poente ou um amanhecer podem constituir tema pinturesco, assumir tanto valor estético como as deambulações de Édipo, o suplicio de Ugulino ou as cenas de cabaret tão admiravelmente pintadas -ia a dizer descritas por Degas...

Pinta há muito tempo?

Desde menino e moço. Iniciei os meus trabalhos na aula infantil, desenhando na ardósia as minhas “composições”. Lembro-me de que o naufrágio do Ville de Victoria ocorrido no Tejo, e o incêndio do Teatro Baquet, no Porto, de tal maneira falaram à minha sensibilidade de criança que procurei interpretá-los, por minha conta e risco, em composições várias, não só na minha ardósia, mas também nas dos meus condiscípulos, o que fiz, precedendo auctorização da minha bondosa professora que, certamente por ver em mim um Génio da Arte em miniatura, me concedeu liberrimamente licença para utilizar todas as ardósias do colégio logo que a classe concluísse a feitura dos problemas de Aritmetica. Assim me iniciei, sem qualquer idéa preconcebida, no culto avassalante da Arte. Gostava de fazer bonecos, eis tudo! Depois, feitos os preparatórios, ingressei na Escola de Belas Artes de Lisboa, fui aluno premiado, contemporâneo de Constantino Fernandes e Sousa Lopes, e discípulo do grande estatuário Simões de Almeida, tio e do grande pintor Veloso Salgado. O primeiro ensinou-me a desenhar, o segundo, a pintar. Bem? Mal? Só a Critica pode dizê-lo.

Nas cadeiras auxiliares tive como professores: em Anatomia, o Dr. José António (...)

[falta uma folha]

Peixes que faltavam na colecção e que tive a honra de registar na tela. O atum e o roaz pesam na economia regional, o primeiro pelo rendimento, o segundo pelos prejuízos. Neste Museu há uma sala com o meu nome, imerecida gentileza do almirante Ramalho e da qual não consegui demove-lo, por mais esforços que empregasse

E planos futuros?

Tantos e tão variados que nem lhes sei o limite. Por vezes chego a pensar que, se conseguisse, pelo menos, acabar tudo quanto tenho principiado, legaria à Posteridade uma grande obra... pelo menos em extensão.

A que horas prefere pintar?

Não tenho preferencia de horas. Utilizo sempre as que diariamente me sobram dos labores escolásticos, os domingos e feriado, quando estou bem disposto.

Como se manifestaram no seu espirito as predisposições artisticas?

Manifestaram-se e manifestam-se por uma especie de nervosismo que chega a concretizar-se numa especie de idea fixa, que me alheia de tudo e me obriga muito gostosamente a trabalhar horas seguidas, desenhando, compondo, pintando...Este nervosismo segue de perto breves periodos de apatia e desalento que, felizmente, se limitam a poucas horas a que chamo – é natural – as minhas horas negras. Quem as não tem?

Se não fosse Pintor que desejaria ser?

Desejaria ser caminheiro, para surpreender a Natureza em todos os seus aspectos de encanto e senti-los ainda mais intimamente. Diz-se que a paisagem é um estado de alma; que maravilhosos paisagistas não serão os caminheiros, contemplando a paisagem atravez da visão nublada pelos seus infortúnios? Quem, melhor do que eles, pode mais intensamente apreciar a psicose dos homens?

Qual é o seu parecer sobre Arte?

Parece-me que a Arte é um sacerdocio tão absorvente como seductor. Não só distancia das misérias humanas o espirito dos que a cultivam como tambem os encaminha na rota da bondade e da perfeição. Desconheço artistas que figurem nos anais da criminologia. Haverá, certamente, alguns, mas tão poucos que nem merecem registo.

E sobre a mentalidade portuguesa em relação à Arte?

E, infelizmente, ainda hoje, muito deficiente, embora espetaculosa e audaz. Em vez de incitar os artistas, afronta-os, quando os não avilta; isto é, é claro, só quando se corporiza em qualquer Fabrício arvorado por conta própria e por obra e graça dos amigos em critico de...Arte. Os críticos dignos deste nome, são sempre benemerentes e utilíssimos na orientação artistica.

### **3. Critica artística**

## Doc. 3.1 - Criticas coevas às exposições de Carlos Augusto Lyster Franco



«Exposição de quadros-Deputado António Ortigão  
[1º recorte da imagem do canto superior esquerdo]

Faro, 14. – A convite do nosso amigo e distinto professor da escola industrial desta cidade, sr. Lyster Franco, fomos hontem visitar os quadros de paisagens que este nosso amigo expoz nas salas do museu marítimo, devendo ter lugar hoje a inauguração oficial da exposição.

O nosso amigo que é um paysagista distinto expõe 53 quadros e, apesar da nossa ignorância na arte da pintura, não podemos deixar de dizer ao habil professor que ficamos encantados e surprehendidos com o seu trabalho, pois conhecemos alguns dos sítios que são representados em alguns quadros e verificamos quanta fidelidade e gosto presidiram à sua confecção.

Ao nosso Lyster, um abraço de sincero agradecimento pelo amável convite e os nossos votos para que appareçam muitos compradores aos seus quadros, cujos preços fixados no catalogo são muito inferiores ao merecimento dos mesmos.

- Com uma despedida affectuosissima, tanto dos seus amigos políticos como pessoas partiu hontem para essa cidade, com sua familia, o nosso amigo e deputado pelo Algarve, sr. António Ramalho Ortigão, que ahi vae fixar residencia.

Este nosso amigo exerceu por muito tempo, cinco ou seis annos, o cargo de adjunto interino do chefe do departamento marítimo do sul, com sede n'esta cidade, e, n'esse cargo conseguiu grangear as sympathias de todos os seus patricios e conhecidos, fazendo de cada um um amigo.

Que fizesse uma feliz viagem é o que do coração lho desejamos.

Faro, 14.

[2º recorte da imagem no centro e à esquerda]

Na qualidade de correspondente d'este jornal, fomos hontem convidados pelo sr. Lyster Franco a visitar a sua exposição de paisagens «au fussain», instalada nas salas do Museu Marítimo de Faro, á rua de Santo António. Fomos e gostámos. É uma colecção de 53 quadros, todos tirados da natureza, e, salvo os números de 1 a 6, pertencentes á Extremadura, todos tirados d'este encantador torrão algarvio.

De há muito admiramos Lyster Franco, não tanto pelos seus quadros, aliás merecedores de todo o apreço, como pelas suas extraordinarias faculdades de trabalho, agora mais brilhantemente afirmadas.

Causa pasmo como, com quasi todo o tempo tomado pelas suas obrigações officiaes, que desempenha com zelo, ainda nos póde mimosear com um tão avultado numero de trabalhos.

Alguns dos seus primeiros quadros foi elle arrancar-os ás luminosas paginas da nossa historia; agora foram as belezas campestres que o empolgaram. E, com tanto acerto elle soube procurar os seus mais belos trechos; com tanto mimo o artista soube tratar os seus maravilhosos encantos, que consegue apresentar-nos esse belo conjunto que tão agradavelmente nos impressiona.

Falta-nos a competencia para tecnicamente criticarmos cada um dos quadros. Outros a farão. O que podemos dizer é que este hontem mesmo dois ficaram vendidos e outros com pretendentes.

A exposição é hoje visitada por convites e de amanhã em deante aberta ao publico em geral. Ao incançavel trabalhador a quem Faro deve este relevante serviço, todo o preito da nossa sympathia, bom como o nosso agradecimento, em nome do jornal, pela gentileza do convite.

### EXPOSIÇÃO LYSTER FRANCO

[3º recorte da imagem do canto inferior esquerdo]

Continua em pleno exito este magnifico certâmen artístico que veiu interromper com a sua nota de requintada Arte a monotonia da presente quadra.

Grande e selecta tem sido a concorrencia ao elegante Salão Nobre do Theatro Nacional, onde Lyster Franco, o ilustre artista algarvio, exhibe os seus esplêndidos *carvões*, muitos dos quaes estão já adquiridos pelos nossos mais categorisados amadores de Arte.

Este facto demonstra à evidencia o enorme sucesso da magnifica exposição do ilustre artista, único que presentemente no nosso pais segue, com inexcédivel brilhantismo, a escola impressionista de Allongé, Lallane, Apian e outros que utilisaram o *fusain* como expressão estetica.

A Lyster Franco, -----sido justamente rendidas as mais carinhosas manifestações de apreço.

### ARTE

[4º recorte da imagem na margem lateral direita]

### Os “Fussins” de Lyster Franco

Um destes dias, afrontando um calor de brazeiro e depois de palmilharmos quasi meia cidade, graças a arreliante falta dos eléctricos, visitámos, no salão do teatro Nacional, a exposição do artista algarvio o Snr. Lyster Franco e, francamente, demos por muito bem empregue o nosso tempo.

Além de tratar-se de um género artístico perfeitamente novo entre nós, os estudos de Lyster Franco, realizados sem mesquinhez de processos , representam-nos um conjunto muito perfeito e harmonioso.

As arvores são motivos eleitos pela predilecção visional do ilustre artista, mas que singular poder emotivo o seu lápis privilegiado sabe transmitir-lhes, quer traduza largas massas de vegetação, quer faça destacar, as caricias da luz, os ramusculos tenros e movediços!

Nos troncos rugosos, imponentes uns – Arvores, Mata Mouros, Silves -, flexíveis e vibráteis outros – Ribeira de Boina, Arvores, Rosal, Estói, e tantos outros, patenteia-se bem a adoração do artista pela arvore, cujas formas ele divinisa e enaltece com um entusiasmo que sugestiona e cativa.

Admiraveis de evocação todos esses lindos trechos do Algarve: Corga funda, Azinhaga, Cama do Diabo, Ribeira do Paraizo, Estrada velha, Caminho dos moinhos e, entre todos, esse grandioso e esplêndido quadro “Agua dormentes, charca, Monchique.” Em que a luz irrompe com suavissima

simfonia através da filigrana da folhagem de uma arvore esbelta e vem pairar, morrer, sobre a agua adormecida, coroada pelo juncal bravo!

Este quadro é para nós um dos mais emotivos do illustre artista. Aquele esplêndido efeito só olhos habituados a perscrutar a Vida, no que ela tem de mais subtil e maravilhoso, podem reproduzir com tanta exactidão.

As nossas felicitações a Lyster Franco e aos amadores de Arte o conselho para que se não demorem em visitar esta exposição, incontestavelmente das mais completas que nestes últimos tempos se teem realizado em Lisboa.

Doc. 3.2 - Transcrição de crítica feita à exposição de Carlos Augusto Lyster Franco<sup>16</sup>

Círculo Cultural do Algarve  
Exposição Lyster Franco

Liberto das preocupações exaustivas da burocracia escolar que por largos anos o mantiveram quasi por completo afastado das lides artisticas, o ilustre pintor algarvio, snr. Lyster Franco que, desde as provas brilhantes dadas nos seus cursos de formatura em Belas-Artes, se afirmára em Lisboa, como um dos mais distintos ~~alunos~~ discipulos dos grandes mestres Simões de Almeida e Veloso Salgado, voltou a apresentar os seus trabalhos ao publico de Faro.

A sua magnifica exposição, organizada pelo Círculo Cultural do Algarve, a quem ficamos devendo mais este notavel empreendimento de alta cultura, compõe-se de uma centena de quadros, lápis, carvões e oleos, verdadeiro friso de obras notaveis em que o ilustre artista, confirmando os seus justos creditos de exímio desenhador e de brilhante colorista, que adquiriu em notaveis exposições realizadas em Lisboa, Coimbra e Porto, nos mostra em efeitos deslumbrantes as incomparaveis belezas do nosso lindo Algarve.

A magia dos seus lápis e carvões, em que a Natureza é evocada em todo o esplendor dos seus prodigiosos encantos, alia-se a intensa luminosidade dos seus quadros a oleo representando em gamas fortes devidamente perspectivadas, trechos de quasi toda a provincia e onde, alem da cenografia grandiosa e panoramica de Monchique não falta a sinfonia branca das amendoeiras em flor nem a eterna orquestração glauca do mar em volta da nossa incomparavel Costa de Ouro.

Lyster Franco completa esta sugestiva propaganda das belezas do Algarve com uma curiosissima galeria de tipos regionais constituída por marítimos, montanheiros e serranos, esplendidamente retratados na sua rudeza simples e presente.

A notavel exposição que tem sido muito visitada, constitue um autentico sucesso e demonstra a evidencia que o Algarve e ja hoje possuidor de incontestaveis valores espirituais que no campo da Arte e da Ciencia sobremaneira o notabilizam entre a comunidade das regiões do nosso querido Portugal.

18-2-1945

<sup>16</sup> Documento com data de 18 de Fevereiro de 1945, é possível que tenha sido transcrito pelo próprio Carlos Augusto Lyster Franco, não existe referência à data da exposição. Este documento testemunha uma critica favorável ao autor.

Circulo Cultural do Algarve  
Exposição de Lyster Franco

Liberto das preocupações exaustivas da burocracia escolar que por largos anos o mantiveram quasi por completo afastado das lides artísticas, o ilustre pintor algarvio, snr. Lyster Franco que, desde as provas brilhantes dadas nos seus cursos de formatura em Belas-Artes, se afirmara em Lisboa, como um dos mais distintos discípulos dos grandes Mestres Simões de Almeida e Veloso Salgado, voltou a apresentar os seus trabalhos ao publico de Faro.

A sua magnifica exposição, organizada pelo Circulo Cultural do Algarve, a quem ficamos a devendo mais este notável empreendimento de alta cultura, compõe-se de uma centena de quadros, lápis, carvões e óleos, verdadeiro friso de obras notáveis em que o ilustre artista, confirmando os seus justos créditos de exímio desenhador e de brilhante colorista, que adquiriu em notáveis exposições realizadas em Lisboa, Coimbra e Porto, nos mostra em efeitos deslumbrantes as incomparáveis belezas do nosso lindo Algarve.

A magia dos seus lápis e carvões, em que a Natureza é evocada em todo o esplendor dos seus prodigiosos encantos, alia-se a intensa luminosidade [sic] dos seus quadros a oleo representando em gamas fortes devidamente perspectivadas, trechos de quasi toda a província e onde, alem da cenografia grandiosa e panorâmica de Monchique não falta a sinfonia branca das amendoeiras em flor nem a eterna orquestração glauca do mar em volta da nossa incomparavel Costa de Ouro.

Lyster Franco completa esta sugestiva propaganda das belezas doAlgarve com a curiosíssima galeria de tipos regionais constituída por marítimos, montanheiros e serranos, esplendidamente retratados na sua rudeza simples e prestante.

A notável exposição que tem sido muito visitada, constitue um autentico sucesso e demonstra a evidencia que o Algarve e já hoje possuidor de incontestáveis valores espirituais que no campo da Arte e da Ciencia sobremaneira o notabilizam entre a comunidade das regiões do nosso querido Portugal.

18-2-1945 [escrito à mão]

## Doc. 3.3 - Excertos de criticas favoráveis à exposição de 1929 <sup>17</sup>

### A R T E

Revestiu um êxito invulgar a abertura da exposição de pinter algarvio Lyster France, no salão nobre do Teatre Nacional.

Os seus trabalhos, realizados com grande simplicidade e notavel larguesa de processos, impõem-se a vista dos observadores. São lindos trechos de Algarve a que o ilustre artista transmitiu toda a sua forte emoção de paisagista de raça. Todos os trabalhos tem sido muito apreciados, havendo já muitos adquiridos.

### Vida artistica

Abriu no salão nobre do teatre Nacional a segunda exposição de carvões de ilustre paisagista algarvio Lyster France. É um certame acentuadamente artistico em que a nota regional, vista através da psicologia do artista, nos dá belamente interpretadas, segundo a escola naturalista de ALLONGÉ e KARL ROBERT, as mais lindos trechos de Algarve das meuras encantadas. A exposição continua a ser muito visitada, sendo já avultado o numero de quadros adquiridos.

### A R T E

Constituiu um belo êxito a abertura da interessante exposição de ilustre pinter algarvio Snr. Lyster France, no salão nobre do teatre nacional.

Come no ano anterior, da-nos o distinto artista belos carvões magnificamente tratados e que se impõem pela simplicidade dos processos. Em todos eles a paisagem de Algarve nos encanta com os seus magnificos aspectos. Não especialisamos quadros. Para quê? Em todos eles a mão do artista assinalou o seu genio.

### Vida artistica

Com extraordinaria concorrencia, abriu a exposição de fuscains de ilustre pinter algarvio Snr Lyster France, no Teatre Nacional. Os seus trabalhos que tem sido muito justamente apreciados filiam-se na escola naturalista de Allongé e Lalane, de que o artista se mostra um habile e profundo conhecedor.

Fatigados de tantas exposições em que os mais exeticos celerides nos perturbam a visão, apraz-nos demorar os olhos nos magnificos trabalhos de Lyster France que tão belos efeitos conseguem obter com os seus carvões, dando-nos através do negro e do branco a sugestão de toda a gama de mais matizado celeride.

<sup>17</sup> O documento está datado de 19 Abril de 1929, pensamos que em referência à exposição realizada nas Salas do Hospital da Misericórdia de Faro nessa data.

## ARTE

Revestiu um êxito invulgar a abertura da exposição do pintor algarvio Lyster Franco, no salão nobre do Teatro Nacional.

Os seus trabalhos realizados com grande simplicidade e notável larguesa de processos, impõem-se À vista dos observadores. São lindos trechos do Algarve a que o ilustre artista transmitiu toda a sua forte emoção de paisagista de raça. Todos os trabalhos tem sido muito apreciados, havendo já muitos adquiridos.

### Vida artistica

Abriu no salão nobre do Teatro Nacional a segunda exposição de carvões do ilustre paisagista algarvio Lyster Franco. É um certame acentuadamente artístico em que a nota regional, vista através da psicologia do artista, nos dá belamente interpretados, segundo a escola naturalista de ALLONGÉ e KARL ROBERT, os mais lindos trechos do Algarve das mouras encantadas. A exposição continua a ser muito visitada, sendo já avultado o numero de quadros adquiridos.

### Arte

Constituiu um belo êxito a abertura da interessante exposição do ilustre pintor algarvio o Snr. Lyster Franco, no salão nobre do teatro nacional.

Como no ano anterior, da-nos o distinto artista belos carvões magnificamente tratados e que se impõem pela simplesa dos processos. Em todos eles a paisagem do Algarve nos encanta com os seus magníficos aspectos. Não especializamos quadros. Para quê? Em todos eles a mão do artista assinou o seu génio.

### Vida artistica

Com extraordinária concorrência, abriu a exposição de fustins do ilustre pintor algarvio o Snr. Lyster Franco, no Teatro Nacional. Os seus trabalhos que teem sido muito justamente apreciados filiam-se na escola naturalista de Allongé e Lalane, de que o nosso artista se mostra um hábil e profundo conhecedor.

Fatigados de tantas exposições em que os mais exóticos coloridos nos perturbam a visão, apraz-nos demorar os olhos nos magnificos trabalhos de Lyster Franco que tão belos efeitos consegue obter com os seus carvões, dando-nos através do negro e do branco a sugestão de toda a gama do mais matizado colorido.

### Doc. 3.4 - Crítica ao pintor na Revista Portuguesa <sup>18</sup>

«O sr. Lyster, Franco ainda não era conhecido em Lisboa, como colorista. O público estava habituado a ver todos os anos as suas exposições de desenho, onde havia muito de ideal fotografico e pouco de ideal estético.

O sr. Lyster Franco ama as paisagens plenas de arvores ramalhadas e tentou sempre nessas exposições de desenho, dar-nos do Algarve, o que este possui de sombras, arvoredos e românticos murmurios de regatos.

Intenção respeitável essa, se ao ser posta em prática não falhasse sob o ponto de vista técnico. Quer isto dizer que o sr. Lyster Franco seja absolutamente destituído de habilidade? Não. Quem desenha e pinta como o sr. Franco, mostra que possui realmente qualidades aproveitáveis. Mas, é preciso não confundir o homem habilidoso com o homem artista. O artista é o que alcança, ou pela educação ou por natural tendência do seu espírito, um superior ideal estético, é o que se liberta da banalidade de sentir, de ver e de realizar.

Ao sr. Lyster Franco falta-lhe percorrer o caminho mais longo e arduo caminho - que vai da habilidade à técnica, da intuição à consciência. Por esse motivo o sr. Lyster Franco levou para as suas telas todos os defeitos que nos seus cartões desenhados já havíamos verificado.

O romantismo piégas que nos desenhos se adivinhava nas arvores frondosas e nas sombras recolhidas, foi substituído nas telas por coloridos falsos, dum sentimentalismo de oleografia.

O Algarve que o sr. Lyster Franco pintou, com desgosto o afirmamos, não é o Algarve, é o disfarce - mau disfarce, por sinal - da incompetência do sr. Franco para reproduzir pela cor e pela forma essa paisagem forte, complicada e sentimental, a um tempo

A persistir naquela forma de pintar o sr. Lyster Franco tornar-se-ha cada vez mais presa dos seus erros e, obcecado, principiará a ver maravilhas nos seus maiores defeitos.

Custa-nos ter de usar desta franqueza, porquanto julgamos que o sr. Lyster Franco está convencido de que possui um temperamento original e superior. Esta crítica causar-lhe-ha o efeito dum balde de água fria lançado, de súbito, sobre uma pessoa desprevenida. A nossa obrigação, porém, é dizer a verdade - por mais dolorosa que ela seja para quem a diz e para quem a escuta.

Se, porém - embora no-lo custe - tam rudemente, sem rodeios, dizemos a verdade e vamos contra as ilusões do sr. Lyster Franco é porque acreditamos firmemente que ainda poderá arrear caminho.

Se o sr. Lyster Franco depuzesse, por uns tempos os seus pincéis, os seus lápis e as suas tintas e se dedicasse à benéfica tarefa de ver, de observar, com imparcialidade e vontade de estudar, tudo quanto modernamente se produz em matéria de arte, em Portugal e sobretudo no estrangeiro, parecer-nos que o seu espírito ganharia imenso e, pouco a pouco, os inúmeros defeitos de visão e execução sarta-lhe-iam nítidos à sua vista de iludido.

---

<sup>18</sup> *Revista Portuguesa volume I*, (Edição Facsmilada da) Contexto Editora Lisboa, 1983. p.245 e 246

Depois, pacientemente, sem precipitações, deveria iniciar uma carreira artística absolutamente nova, pondo as suas qualidades naturais em marcha por uma estrada, talvez mais íngreme, mas mais segura e mais proveitosa para o seu espírito e para a arte.»

Doc. 3.5 – Crítica manuscrita de Carlos Augusto Lyster Franco ao crítico Fernando de Pamplona

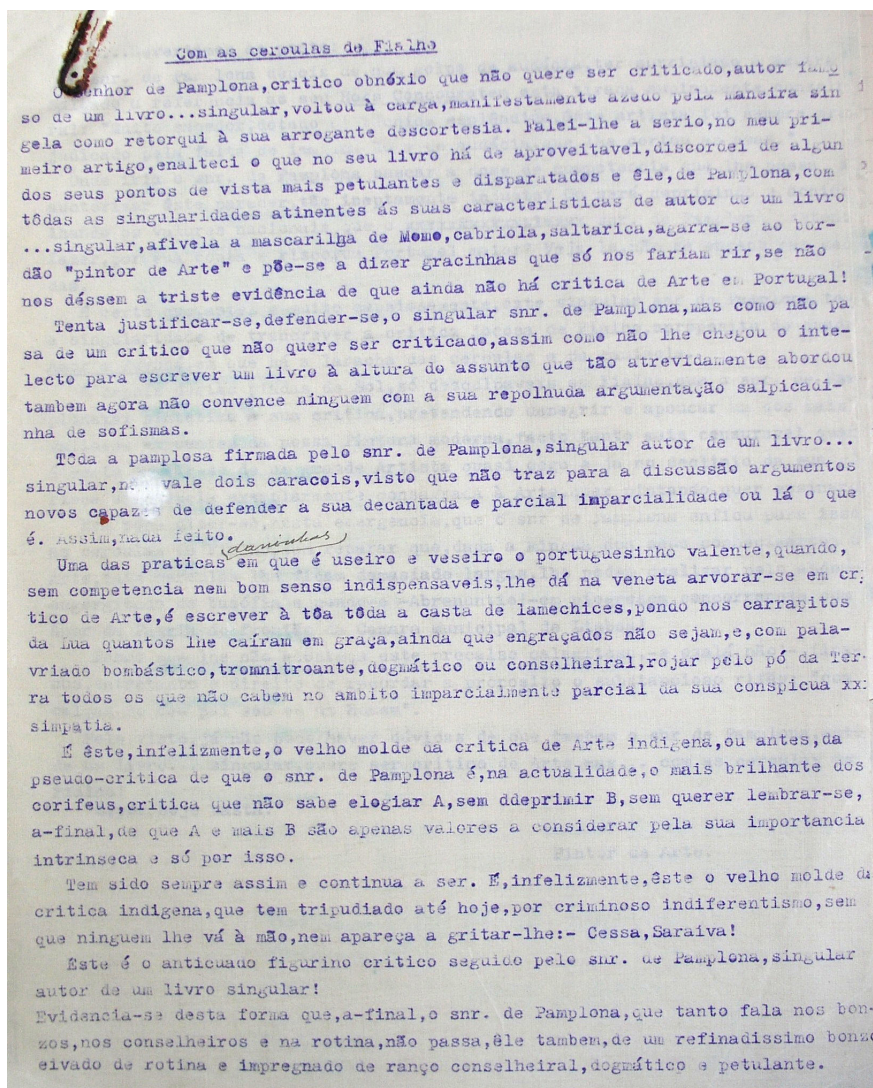
O azedume do Sr. de Pamplona resulta de eu lhe ter dito <sup>esta</sup> ~~essa~~ verdade incontestável: «O seu livro não é a última palavra sobre o assunto.»  
~~Reforçando~~ <sup>Reforçando</sup> o meu parecer, recordo do erudito e sentido artigo de Diogo de Macedo, no Diário de Notícias ~~sobre~~ sobre a morte de ~~um~~ ~~malgrado~~ ~~Sousa Lopes~~ - de quem diz, muito merecidamente - que o ilustre artista merecerá categoria primacial na história da nossa arte quando esta se fizer com o indispensável e imparcial julgamento»  
Não estará, nas palavras que sublinho, a confirmação do que lhe tenho dito, Sr. de Pamplona?

«O azedume do Sr. de Pamplona resulta de eu lhe ter dito esta verdade incontestável «O seu livro não é a última palavra sobre este assunto.»

Reforçando o meu parecer, recordo do erudito e sentido artigo de Diogo de Macedo, no Diário de Notícias sobre a morte de um malgrado Sousa Lopes - de quem diz, muito merecidamente - que o ilustre artista merecerá categoria primacial na história da nossa arte «quando esta se fizer com o indispensável e imparcial julgamento».

Não estará, nas palavras que sublinho, a confirmação do que lhe tenho dito, Sr. de Pamplona?

### Doc. 3.6 - Crítica de Carlos Augusto Lyster Franco ao crítico Fernando de Pamplona «Com as ceroulas de Fialho»



#### «Com as ceroulas de Fialho»

O senhor de Pamplona, crítico obnoxio que não quer ser criticado, autor famoso de um livro... singular, voltou à carga, manifestamente azedo pela maneira singela como retorqui à sua arrogante descortesia. Falei-lhe a sério, no meu primeiro artigo, enalteci o que no seu livro há de aproveitável, discordei de alguns dos seus pontos de vista mais petulantes e disparatados e ele, de Pamplona, com todas as singularidades atinentes às suas características de autor de um livro... singular, afivela a mascarilha de Momo, cabriola, saltarica, agarra-se ao bordão "pintor de Arte" e põe-se a dizer gracinhas que só nos

fariam rir, se não nos dessem a triste evidência de que ainda não há crítica de Arte em Portugal!

Tenta justificar-se, defender-se, o singular snr. de Pamplona, mas não passa de um crítico que não quer ser criticado, assim como não lhe chegou o intelecto para escrever um livro à altura do assunto que tão atrevidamente abordou também agora não convence ninguém com a sua repolhuda argumentação salpicadinha de sofismas.

Toda a pamplosa firmada pelo snr. de Pamplona, singular autor de um livro...singular, não vale dois caracóis, visto que não traz para a discussão argumentos novos capazes de defender a sua decantada e parcial imparcialidade ou lá o que é. Assim, nada feito.

Uma das práticas daninhas em que é useiro e veseiro o portuguesinho valente, quando, sem competência nem bom senso indispensáveis, lhe dá na veneta arvorar-se em crítico de Arte, é escrever à toa a casta de lamechices, pondo nos carrapitos da Lua quantos lhe caíram em graça, ainda que engraçados não sejam, e, com palavreado bombástico, tromnitroante, dogmático ou conselheiral, rojar pelo pó da Terra todos os que não cabem no âmbito imparcialmente parcial da sua conspícua simpatia.

É este, infelizmente, o velho molde da crítica de Arte indígena, ou antes, da pseudo-crítica de que o snr. de Pamplona é, na actualidade, o mais brilhante dos corifeus, crítica que não sabe elogiar A, sem deprimir B, sem querer lembrar-se, a-final, de que A e mais B são apenas valores a considerar pela sua importância intrínseca e só por isso.

Tem sido sempre assim e continua a ser. É infelizmente, êste o velho molde da crítica indígena, que tem tripudiado até hoje, por criminoso indiferentíssimo, sem que ninguém lhe vá à mão, nem apareça a gritar-lhe: - Cessa, Saraiva!

Êste é o anticuado [sic] figurino crítico seguido pelo snr. de Pamplona, singular autor de um livro singular!

Evidencia-se desta forma que, a-final, o snr. de Pamplona, que tanto fala nos benzos, nos conselheiros e na rotina, não passa, ele também, de um refinadíssimo bonzo eivado de rotina e impregnado de ranço conselheiral, dogmático e petulante.»

### **Doc. 3.7 - Críticas póstuma a Carlos Augusto Lyster Franco no centenário do seu nascimento – Jornal Ecos de Belém <sup>19</sup>**

No centenário do Nascimento dum pintor de Belém

“A memória de mestre pintor Carlos Lyster Franco deverá ser perpetuada numa das artérias de Belém”

Este título honrou a primeira página do Ecos de Belém em Abril de 1959, alguns dias após o falecimento de Carlos Augusto Lyster Franco – Pintor, Professor, Escritor e Jornalista, nascido aqui, na Freguesia de Santa Maria de Belém. E escrevo **honrou**, porque sugeriu, defender e lutar por uma ideia justa e nobre, honra quem toma a iniciativa.

Recordemos, rapidamente, quem era Carlos Augusto Lyster Franco, nascido há um século – mais precisamente em 5 de Outubro de 1879 – na Calçada do Galvão, perto da Igreja da Memória, e descendente de família há muito radicada em Belém. Em moço por aqui andou, fez amizades e daqui ia diariamente para a Escola de Belas Artes onde foi discípulo distinto e dlecto de Simões de Almeida (Tio) e Veloso Salgado e onde tirou o Curso de Pintura Histórica. Terminado o curso seguiu para Faro, ali chegou a 15 de Abril de 1901 e ali se fixou para toda a vida.

O Liceu de Faro, a Escola Industrial de Pedro Nunes, e Escola Industrial Tomás Cabreira, a Escola de Magistério Primário e a Escola Primária Superior conheceram Carlos Augusto Lyster Franco como professor e, pelo menos duas destas, também, como director. Mas melhor o conheceram os seus alunos pois este artista sóbrio e recatado – que desde que faleceu a mãe, tinha ela 16 ou 17 anos, nunca mais ninguém o viu senão de luto vestido e farfalhudo laço preto – à la Valière - soube ser educador e mestre. Não se limitou a ensinar, e bem, o desenho, o português e o francês, sensibilizou, moldou e formou milhares de alunos que frequentaram estes estabelecimentos de ensino.

Todavia aquela maneira de ser não o impediu, quando professor e secretário do Liceu de Faro – liceu que esteve instalado de 1851 a 1908, por graciosa autorização dos Bispos do Algarve no edifício fronteiro à Sé, onde hoje funciona o seminário – de ir até ao amplo terreiro na altura em que a rapaziada por ali se entretinha a pontapear atabalhoadamente a bola trapeira, para lhes explicar as regras de um novo jogo – o futebol – com o qual se tinha familiarizado nos seus tempos de Belém. Assim começou a ser conhecido o popular desporto nestas paragens e foi ele o seu primeiro divulgador.

Este aspecto da divulgação do futebol naquela época, no Algarve, por Carlos Augusto Lyster Franco, não deixou de ser assinalado aquando do falecimento do pintor.

Deixo este pormenor porque revela a sua personalidade desinibida e acrescento que o pintor Carlos Augusto Lyster Franco foi também Director do Posto Meteorológico, Administrador do Concelho, Comissário da Polícia do Distrito, Presidente da Câmara Municipal de Faro, membro da Academia de

---

<sup>19</sup> ECOS DE BELÉM – Novembro de 1979- nº 1828- Ano XLVII (artigo de Telmo Moutas Felgueiras).

Ciências de Portugal e mereceu ser agraciado com a Ordem Militar de Santiago.

Publicou o seu primeiro livro, «Contos Fúnebres» em 1905 e dois anos depois uma colectânea de contos e novelas que intitulou «Iluminuras». Seguiram-se «Martim Moniz», «Cancioneiro do Povo» e os estudos biográficos «Um grande pintor – John Flaxman e a sua obra», «O Pintor Joaquim Porfírio», «O Pintor Constantino Fernandes», «O Pintor Henrique Pousão», e, por último «O Pintor José Malhoa».

Estas obras e a sua colaboração e Jornais e revistas na parte algarvia no «Guia de Portugal» de Raul Proença e noutros trabalhos afirmaram o escritor e o erudito. Com «Crónica Citadina» que manteve por largo tempo no «Correio do Sul» e onde criou as figuras de «D. Cesaltina Feixe-Luz» e «Dr. Berbigão» o escritor revelou-se também um fino humorista e as crónicas eram lidas com entusiasmo e alcançaram larga fama.

De 1912 a 1917 dirigiu o bi-semanário «O Heraldo»

Surgiu então em Lisboa a célebre revista «Orpheu» com que Mário de Sá Carneiro, Santa Rita Pintor, Almada Negreiros, Fernando Pessoa, Raul Leal e outros abalaram o marasmo da vida artística da época.

Carlos Augusto Lyster Franco em «O Heraldo» exulta: acolhe «Orpheu» com palavras de entusiasmo e augura o papel importante que a revista irá desempenhar no nosso meio literário. É praticamente o único jornal do país que compreende o grupo «Orpheu» e este dirige-lhe uma mensagem em termos encomiásticos enaltecendo a atitude.

«O Heraldo» passa a inserir a partir daí, sob pseudónimo, colaboração identificada com a nova corrente literária. O pintor Carlos Porfírio, que foi director do «Portugal Futurista», Sá Carneiro, Almada e Pessoa são colaboradores dessa fase de «O Heraldo».

Mas a pintura –o óleo, o desenho e o carvão, em que foi mestre - constituiu a sua paixão. Deixou belos trabalhos de temática histórica e religiosa. Pintou retratos de pessoas de família, de Leite Vasconcelos, Coelho de Carvalho e do seu amigo o pintor espanhol Sorolla. Posto que inacabados estes retratos têm muito interesse e valor.

Hoje existem quadros seus no museu da Figueira da Foz; em Faro, no Governo Civil, na Câmara Municipal, na Junta de Distrital, na Delegação do Monte Pio Geral, no Circulo Cultural do Algarve ...

O centenário do Pintor Lyster Franco

## **4. Escritos sobre arte**

**Doc. 4.1 - John Flaxman - Um grande escultor e a sua obra (1915)**









































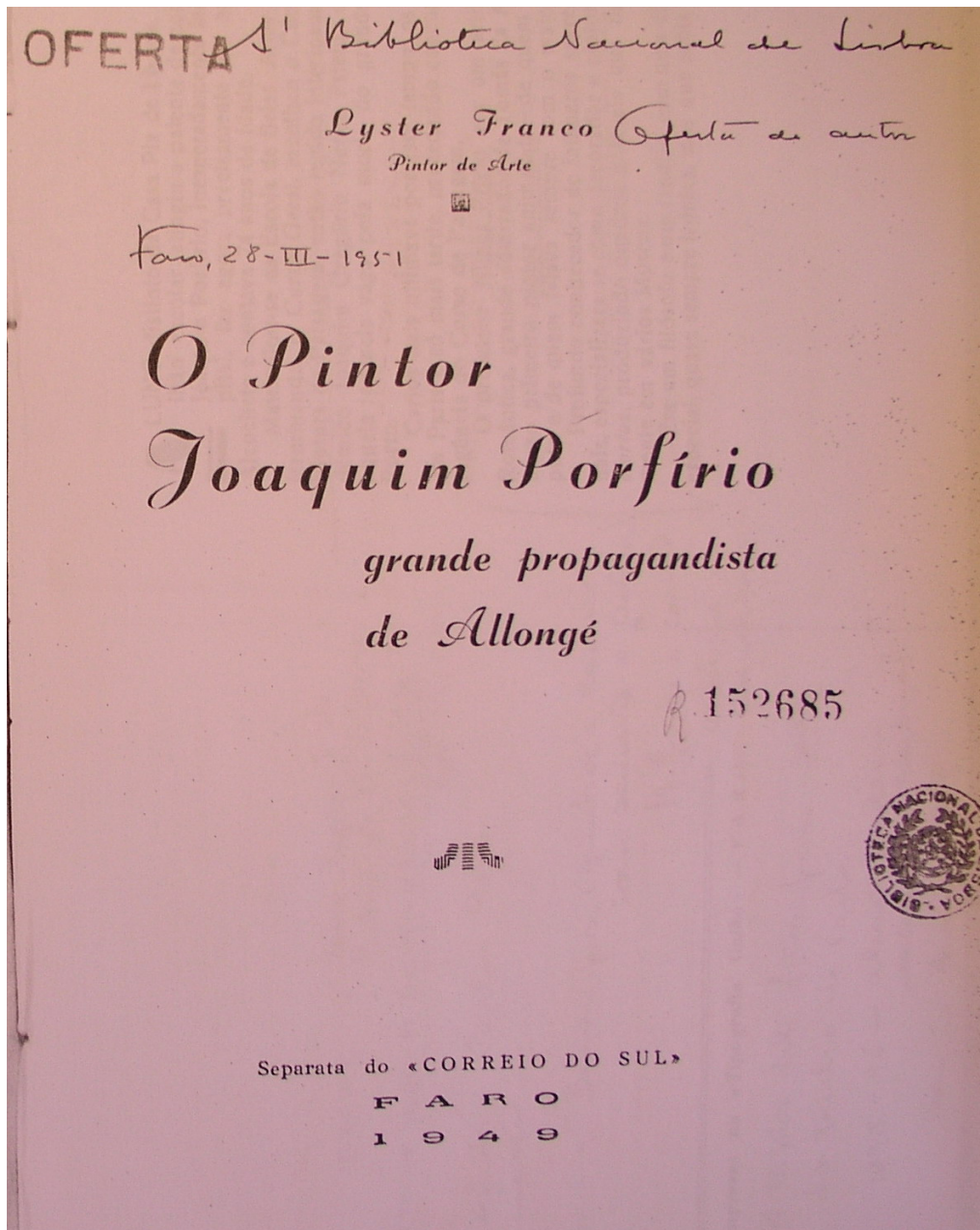








Doc. 4.2 - Joaquim Porfírio – Grande propagandista de Allongé (1949)



Lyster Franco, *O Pintor Joaquim Porfírio grande propagandista de Allongé*, Ed. Correio do Sul (separata do) Faro, 1949»

«Aluno distinto da Casa Pia de Lisboa, em cujo batalhão escolar atingiu a patente de coronel, o Pintor Joaquim Porfírio, inesperadamente falecido na Capital, faz agora precisamente um ano, nasceu em Alcochete e contava 74 anos de idade.

Matriculou-se na Escola de Belas Artes de Lisboa e, terminando o Curso Geral, escolheu o Curso Especial de Pintura de Paisagem, então regido interinamente pelo académico Joaquim Gregório Nunes Prieto, chamado para aquela regência vaga pela morte do grande Pintor Silva Porto.

Carlos Reis ultimava por esse tempo os seus estudos em Paris e só mais tarde, precedendo concurso, assumiu a regência do Curso de Paisagem.

O professor Nunes Prieto era um artista da Escola Romântica, grande admirador de Tomás da Anunciação nosso primeiro pintor animalista de quem fôra condiscípulo e de quem falava sempre com o maior entusiasmo. Profundo conhecedor de inúmeros segredos profissionais, especializara-se como decorador e pintor de naturezas mortas, produzindo quadros notáveis que figuram actualmente em vários Museus.

Era um filósofo e um erudito, com uma dialéctica muito especial, quase sempre irónica mas que sabia animar admiravelmente os discípulos, repetindo-lhes com frequência que, as vezes, com uma simples pontinha de lapis se conquista a imortalidade, ,

E se lhe perguntavam

- Senhor Professor, posso fazer este estudo?

Logo Mestre Prieto, implacável, se ao aluno faltava competência

- Poder, pode, mas não deve...

Joaquim Porfírio, estudante aplicado e consciencioso, conquistou boas classificações soube ser bom amigo e camarada excelente. Apesar do seu passo elevado e dos seus já então fartos bigodes, que confiava a miúdo, com ingénua petulância, não deixava de rir e brincar com os de graduação interior e com todos os condiscípulos, numa lhanza absoluta que lhe granjeava gerais simpatias.

Nesse tempo, o grupo de alunos da Casa Pia que frequentava a Escola de Belas Artes de Lisboa - Os Casapiões, como lhes chamavam, - era constituído por António do Couto Abreu, depois o distinto Arquitecto António do Couto, consciencioso restaurador da Se de Lisboa, há anos falecido; Pedro Guedes, hoje Pintor laureado por vários trabalhos, professor jubilado da Casa Pia, actual Bibliotecário da Sociedade Nacional de Belas Artes; Joaquim Porfírio, de quem nos ocupamos; José Isidoro de Carvalho Freitas Neto, hoje o Escultor José Neto, com assinalados serviços a Escola-Oficina N.º I ; Raul Carapinha, actualmente hábil Pintor de flores, e Manuel de Carvalho, falecido antes de terminar o curso, todos capitães.

Era um simpático grupo de rapazes, muito dedicados aos desportos e já quase todos futebolistas distintos, com largo treino no Campo das Salézias, de Belém.

Porfírio também sabia jogar e jogava a qualquer hora e em qualquer lugar, ate nos próprios corredores da Escola, largos e sombrios, onde mais de

uma vez, com os seus parceiros, hi surpreendido pela passagem dos Mestres, debandando então os jogadores, num rápido salve-se quem puder, para traz das pilastras das arcarias que admiravelmente se prestavam para o efeito. Bons tempos!

A breve trecho, incitados pelos Casapiões, os primeiranistas da Escola - os *patanços* -, na gíria académica privativa,

constituíam-se em grupos de futebol que faziam a sua aprendizagem na grande placa oval do velho Largo da Biblioteca, sob a vista indulgente da Guarda Municipal, mas com grave risco das vidraças dos prédios circundantes.

Porfírio tinha, porem, singular predilecção pelo jogo da sardinha, que jogava com rara habilidade, mas, se acaso perdia, o que era raríssimo, maior era ainda o seu entusiasmo, por encontrar parceiro que o suplantara. Soltava, então, sonoras gargalhadas, francas, comunicativas que, dali a pouco contagiavam toda a assistência.

Sabia rir com o bom riso português, saudável e bem-humorado, e a sua conversação era sempre interessante e engraçadíssima, versando profundamente todos os assuntos.

Executou vários quadros a óleo, paisagens, de preferência, que expôz com geral agrado da critica na Sociedade Nacional de Betas Artes de que era sócio fundador.

Mas a sua grande predilecção artística, a sua entusiástica preferência, eram os trabalhos a carvão, paisagens ou marinhas, em que chegou a produzir quadros primorosíssimos.

Grande admirador de Allongé e de Karl Robert, cujas obras, então muito discutidas, defendia ardentemente, pode afirmar-se, sem temer contestação que a Joaquim Porfírio se deve a mais intensa propaganda da Escola destes Mestres no acanhado meio académico daquele tempo. Ninguém melhor do que ele sabia enaltecer a série maravilhosa dos quadros a carvão, de Decamps, historiando a vida prodigiosa de Sansão e Dalila

Com entusiasmo empolgante, citava os magníficos modelos para vitrais, carvões primorosos de Flandrin e os quadros de Apian, Bouvin, Adolfo Yvon, Yan Dargent, Corbert, Lhermitte e outros Mestres do carvão, quer em figura, quer em paisagem.

Citava-os constantemente, mas sempre a propósito, em críticas serenas e construtivas em que quase sempre acabava por descrever os assombrosos carvões do nosso imortal Sequeira, Mestre dos Mestres, como orgulhosamente lhe chamava.

- O carvão dá tudo! sintetizava entusiasmado -a questão é saber trabalhar.

E ele trabalhava-o proficientemente. Ao manejo e ao *granitado* de Calâme, de Roquelim e outros, então em voga, na execução de desenhos de paisagem, contrapunha as grandes massas de tracejado firme, compacto e vigoroso, onde, depois, a raspadeira, o esfumilho ou o miolo de pão iriam abrir ridentes claridades numa harmoniosa imitação de efeitos muito mais aproximados do esplendor d a Natureza.

O seu entusiasmo era veemente e comunicativo e a sue propaganda de tal forma aliciante e convincente que levou os finalistas do Curso Geral desse já remoto ano lectivo de 1895-96, e pedirem ao júri dos exames finais autorização para, em muito mais ampliadas dimensões, executarem o exame

final de Paisagem, em estudo do natural, com ponto escolhido pelo júri, mas segundo a Escola de Allongé ou de Karl Robert, em prejuízo dos antigos mestres, cujos trabalhos, reproduzidos em litografias tinham, até então, servido como os meios auxiliares desses exames, limitando-se os examinandos à cópia mais ou menos exacta desses estampas.

O júri hesitou na concessão. Temia um desastre, tanto mais que as dimensões exigidas eram de 40 por 60 centímetros e os revolucionários suplicantes propunham-se a executar trabalhos, cópias directas de natureza, no dobro daquelas dimensões.

Instado, o júri acabou por aceder e não teve de que arrepender-se, pois esse exame final de cadeira de Paisagem foi uma excelente exibição de trabalhos, premiada pelas mais altas classificações.

Distinguiram-se, em especial, Fritiof Harald Bergeström, prometedor artista prematuramente falecido e -seja-me perdoada e imodéstia - quem escreve estas linhas. Obtiveram ambos a classificação máxima, 20 valores, ficando os seus trabalhos na posse da Escola e decerto, já hoje devorados pela traça

Se, porém, a estes incipientes artistas muito agradou a distinção obtida. Porfírio, pode dizer-se, delirou de entusiasmo.

Finalmente a Escola de Allongé vencia a rotina e ingressava, triunfante, no meio académico! Enfim, nos exames finais de Paisagem do Curso Geral se executavam trabalhos reproduzidos fielmente do natural e segundo as regras e preceitos daquele grande Mestre.

Fritiof apresentou um belo quadro. Um lindo trecho de Várzea de Colares, com suas remansosas águas espelhantes e tranquilas em que as árvores pareciam mirar-se com graciosa galanteria.

O nosso quadro representava uma vereda sombria da Tapada da Ajuda, trecho em que a folhagem das árvores adustas constituía uma verdadeira filigrana, através de qual perpassava a luz esplêndida dos campos circundantes ...

Norte Júnior, se bem me recordo, copiou a velha fábrica de grude, de Campolide com a sua velha ponte de arcos atarracados.

David Estrêla de Melo, o trecho pitoresco de um grande rio que deslizava mansamente sob uma aboboda de arvoredos e em cujas águas Mestre Prieto lamentou irónico, que não houvesse o singrar de um barquinho... Os demais alguns não desmereceram.

Raramente, até então, se tinham obtido tão elevadas classificações naquela cadeira e tudo se ficou devendo à propaganda de Porfírio e aos seus conselhos proficientes e dedicados. Assim ele obteve o seu mais brilhante êxito como propagandista da paisagem e carvão.

Joaquim Porfírio que foi profissional exímio, executou primorosos trabalhos nesse género, paisagens e marinhas, hoje integradas em selectas colecções de amadores.

Exerceu com proficiência o magistério no Ensino Técnico, em várias escolas de província, sendo por fim transferido para a Escola de Fonseca Benevides em Lisboa, onde atingiu o limite de idade, retirando-se, depois de morte das suas irmãs, com quem vivia, para Torres Novas - e terra de Carlos Reis, seu Mestre no final do Curso, onde ficou residência.

Apaixonado pelos aspectos paisagísticos do nosso País, que conhecia de Norte e Sul, apreciava muito a paisagem algarvia e, sempre que vinha ao

Algarve, demorava-se o mais possível em Monchique. Praia de Rocha e arredores de Olhão, documentando-se com valiosos apóstolos de que chegou a utilizar alguns na execução dos seus trabalhos sempre assinalados pela conscienciosa justeza de um bom desenho realçado por óptimos efeitos de claro-escuro.

Além de artista distinto, Joaquim Porfírio foi notável bibliófilo, possuidor de uma valiosa biblioteca tece iniciada desde os seus tempos de estudante.

Intelectual requintado, conhecia toda a filosofia e a ética de Arte mas nunca alardeava sapiência, antes se apresentava sempre com inexcedível modéstia e notável singeleza.

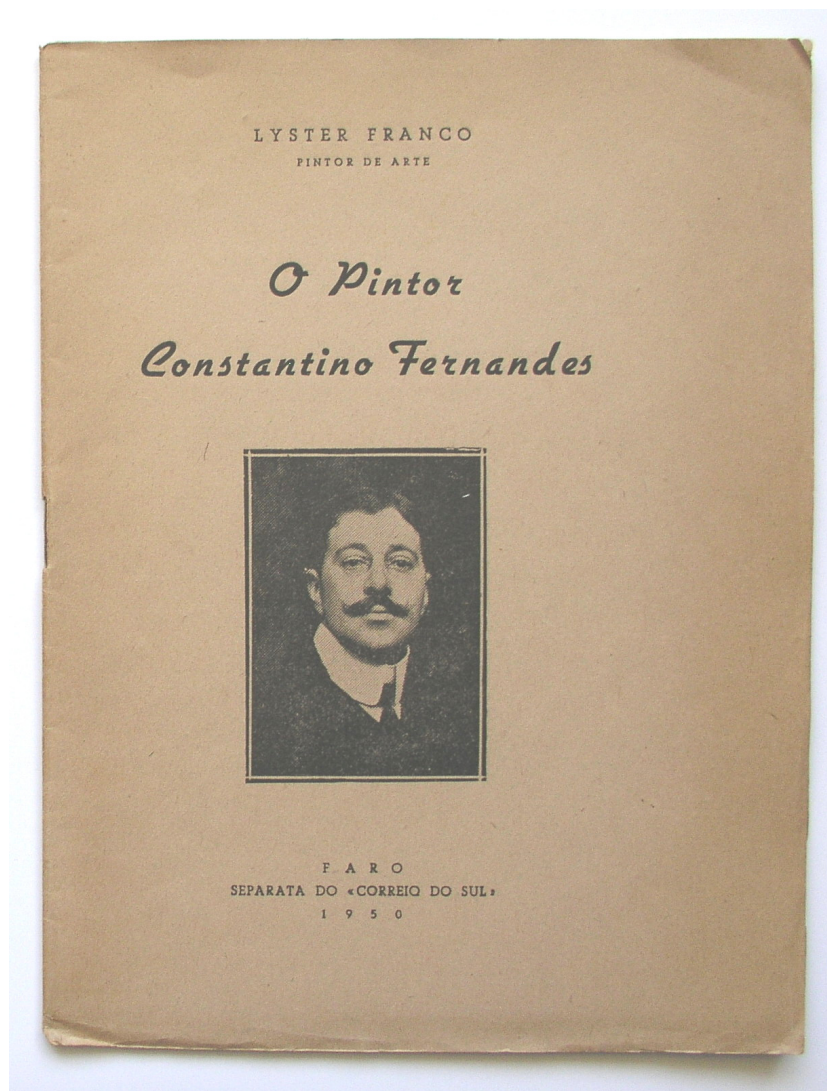
Era um grande admirador de Henrique Heine, célebre crítico de Arte, poeta e escritor alemão, cujo *Reisebilder*, livro cintilante de impressões de viagem, quase sabia de cór.

Pouco antes de falecer, logo após a morte de suas irmãs, vendeu, desgostosíssimo a sua biblioteca, riquíssima especialmente em magníficas edições de Arte, que na sua maior parte foram adquiridas pela Biblioteca da Sociedade de Belas Artes o que, felizmente, evitou a dispersão.

A sua morte não mereceu grande registo nos periódicos da Capital que lhe reduziram m o necrológio a meta dúzia de linhas. Isso porém, não obistou que o seu funeral fosse muito concorrido por colegas e alunos e que quantos o conheciam e estimavam sentissem pelo seu passamento um desgosto profundíssimo.

Eu, o mais obscuro dos iniciados no culto de Allongé pelo Pintor Joaquim Porfírio devia, em consciência, estas desataviadas linhas à sua saudosa memória de excelente colega e amigo dedicadíssimo.

**Doc. 4.3 - O Pintor Constantino Fernandes (1950)**



«Lyster Franco, *O Pintor Constantino Fernandes*, Ed. Correio do Sul (separata do) Faro, 1950»

«CONSTANTINO FERNANDES, Constantino Álvaro Sobral Fernandes, de seu nome completo, nasceu em Lisboa a 29 de Setembro de 1878, foi colegial distinto, aluno laureado da Escola de Belas-Artes e pensionista do Estado em Paris e Roma.

Inesperadamente arrebatado pela morte em pleno auge da sua produção artística, a 21 de Junho de 1920, já nimbado de glória, legou ao seu país quadros de inapreciável valor estético em que notavelmente sobressai uma valiosa galeria de retratos magistralmente pintados e o exemplo eloquente da sua vida exemplar, serena e calma, feita de invulgar dedicação ao estudo e a quantos sinceramente chamava amigos.

Além de um grande artista plástico, honesto e probo, Constantino que tinha também acrisolada paixão pela Ciência, revelou-se um habilíssimo cientista, produzindo trabalhos dignos da maior admiração pela fertilidade atingida.

Exemplifica este caso singular o famoso telescópio executado por ele em todas as suas peças, entre as quais avulta, por ser de difícilíssima execução, dentro de preceitos rigidamente científicos, o respectivo espelho parabólico, talhado em cristal de rocha.

Mas a sua paixão dominante e absorvente foi a Pintura, Arte a que consagrou o maior numero das horas da sua tão breve como prestimosa existência.

Alto, quase herculeo, rosado, de cabelo castanho, feições expressivas, mãos e pés fortes, Constantino Fernandes mais parecia um homem das paragens longínquas do Norte do que o genuíno lisboeta que tanto se prezava de ser.

Dotado daquela bondade inata dos fortes, jamais o seu rosto se apresentava carrancudo, tendo sempre, pelo contrário, uma expressão calma confiante a iluminar-lhe as faces e que era como que uma aura de simpatia que só lhe atraía amizades.

Amigo excelente, colega atencioso e dedicado, nunca o ouviram criticar com serenidade ou rigor qualquer trabalho artístico que se lhe deparasse, primando, antes, em elogiar, prodigamente, quaisquer qualidades que a sua requintada sensibilidade artística lograva descobrir e que aos outros passara despercebida.

De temperamento acentuadamente fleugmático, fumador infatigável, Constantino Fernandes que adorava a Musica e que possuía também excelente ouvido, sabia trabalhar com método, sistema e ordem, sem impacencias nem atropelos, os vidros das lunetas a reluzirem-lhe nos olhos miopes, o cigarro a fumar entre os lábios sensualmente carnudos ou cantando a meia voz trechos selectos de zarzuelas ou de operas que mais tivessem impressionado a sua culta sensibilidade de artista.

Na sua vida académica, fértil em prémios e distinções, pode dizer se com verdade que começou a evidenciar-se, especialmente, desde o terceiro ano do Curso Geral.

Recordo-me perfeitamente de que, a principio, logo no começo daquele ano lectivo, o nosso grande Mestre Simões de Almeida, Tio, que leccionava

nesse tempo primorosamente a cadeira de Desenho do Antigo e a de Modelo vivo, dava, de quando em quando a sua reprimenda no Constantino.

O Mestre Simões, um dos maiores senão o maior de quantos professores tivemos, tinha por hábito estimular os alunos em que pressentia predisposições artísticas, com críticas severas aos trabalhos que ia corrigindo.

A maior parte dos alunos, artistas incipientes, ainda no início da sua aprendizagem plástica, tremia atemorizada enquanto o Mestre, a meia voz, prosseguia no seu criticar severo, rematado quase sempre por esta frase contundente:

— Há tantas outras vidas, sem ser a de artista!

Era a girandola final. O Constantino, porém, apenas um pouco mais enrubescido, escutava sempre atencioso mas imperturbavelmente impassível as palavras acirrantes do glorioso Mestre.

Mas isto durou muito pouco tempo. A breve trecho, aprendido o manejo do esfumilho e as gradações subtis do claro escuro, Constantino começou, quase diariamente, a ouvir do Mestre as mais elogiosas referências, os mais calorosos elogios.

- Vejo que tem progredido imenso. Tem aqui um bom desenho. O seu claro-escuro não deixa nada a desejar. E, depois de ter respirado fundamente: - Está muito bom o seu trabalho!

E o Constantino ouvia tudo isto, que encheria de vaidade qualquer outro menos criterioso, com a mesma imperturbabilidade, couraçado dentro da sua habitual fleugma, mais do que nórdica, incomparável!

Assim terminou brilhantemente o seu Curso Geral. As suas provas finais foram todas premiadas, iniciando desta forma o ciclo dos seus triunfos artísticos que culminaram através de todo o seu Curso de Pintura Histórica em que distintamente se formou.

Os seus modelos, copiados do natural com largueza e exactidão de colorido, os seus estudos de panejamentos, as suas composições e todos os seus trabalhos brilhavam sempre entre os melhores, quando não eram os melhores dos submetidos; às exigências da crítica dos Mestres.

E o Constantino sempre afável para com todos, sempre despido de pretenciosas vaidades e prosápias, continuava estudando e trabalhando dentro da sua habitual impassibilidade, sempre sorridente, sereno e calmo, cigarro a fumar entre os lábios grossos ou trauteando a meia voz os trechos musicais preferidos.

Na Pintura, ganhou por duas vezes, em anos seguidos, o prémio Lupi, e quando os colegas, em ar de graça, lhe perguntavam: — Então, Constantino, sempre é verdade que arremataste para sempre o prémio Lupi? — ele despreziosamente respondeu: O Conselho Escolar não devia talvez ter deixado que eu concorresse, depois de premiado uma vez, mas, se perdesse na segunda, ainda ficaria pior do que se nunca tivesse ganho tal prémio!

Outro fôsse ele teria respondido que os seus modelos, quer em desenho, quer em colorido eram os melhores de todos.

Desenhando primorosamente, a sua paleta, de uma sobriedade quase primitiva, — seis ou oito cores lhe bastavam—, ei-lo a tonalizar as carnações em esplendidas e vigorosas sínteses, espontaneamente encontradas que transmitiam a quanto saía dos seus pinceis a impressão nítida da realidade, cor ou volume.

Habilíssimo, executava com as suas mãos gigantes tudo quanto a sua imaginação idealizava. A mecânica e ciências afins que estudou eficientemente como auto-didata, nas horas de repouso da Pintura, não tinham segredos para ele.

Dir-se ia um retardado do Renascimento pois que, a par da excelência dos seus trabalhos de pintura, decorações, cartazes, etc os seus variados conhecimentos científicos chegaram a grangear-lhe fama de sábio, fama que, acentue-se, o Constantino, dentro da sua incomparável modéstia, sempre contraditou e repeliu.

— Sábio eu!? — exclamava ele, — um simples estudioso, sem pretensões, eis o que sou.

A este tempo, porém, já se notabilizara como habilíssimo modificador de motores acionados a gasolina, a que sabia dar mais velocidade, com menos combustível, e um profundo conhecedor de todo o mecanismo dos automóveis, a ponto de pôr em andamento eficientemente, isentos de *panes* ou quaisquer avarias, vários carros dados por irreparáveis pelos peritos mais competentes da época.

Poderia ter feito fortuna, só com este ramo dos seus conhecimentos científicos, assinalado especialmente em Paris, quando ali se encontrava como pensionista do Estado, mas o Constantino era um *dilletanti* da Ciência, que praticava por gosto, recusando altiva e sistematicamente qualquer retribuição monetária que se atrevessem a oferecer-lhe.

Respondia, invariavelmente, a sorrir:

— Diga-me, quando puder, que o seu carro trabalhou doze ou quinze meses seguidos, sem avarias de qualquer espécie, e ficarei tão satisfeito como o senhor!

Na Óptica também se revelou competentíssimo, tão competente que soube construir peça por peça, incluindo os respectivos espelhos parabólicos, quase um segredo da especialidade, o seu admirável telescópio a que nos referimos no principio destas sucintas e despreziosas notas biográficas do grande e malgrado artista.

São também dignas de apreço as rectificações que fez no barómetro «Fortin» e a série de estudos e cálculos, muito desenvolvida, para a construção de uma hélice de barco e tantos outros problemas de física e de mecânica que, numa intuição admirável, servida por um estudo incessante, procurava solucionar.



«O AMIGO DAS CRIANÇAS»

Um dos mais belos e menos conhecidos quadros de Constantino Fernandes, que se encontra numa igreja do Brasil e cuja reprodução não figurou no *-In Memoriam-*. Para a sua figura principal serviu de modelo o pintor David Estrêla de Melo.

Que grandíssimo mecânico inventor ele não teria sido se a fulgurância das cores e o valor dos volumes não tivessem subjugado por completo, num predomínio absoluto, a sua requintada sensibilidade, fazendo dele o maior dos Pintores da sua geração!

A sua pintura que muitos acoimam de minuciosa em excesso — críticos que se esquecem de que os quadros são documentos que ficam muitas vezes a assinalar uma época e que, por isso mesmo carecem indispensavelmente de uma forte parcela documentária — é sempre larga, exuberante, dentro de um desenho correctíssimo, sempre exacta em todos os seus valores e alheia por completo a rebuscados artifícios.

Jogava e sempre bem, com o exclusivo valor dos modelos que escolhia, reproduzindo-os excelentemente quer no desenho quer no colorido, atingindo sempre com singeleza e frescura, a mais genuína e impressionante naturalidade.

O seu golpe de vista era sempre rápido e eficiente, em qualquer assunto. Sabia ver.

Lembra me, por exemplo, de que, por ocasião do funeral do Altíssimo Poeta João de Deus, tendo os alunos de Belas Artes confiado a ele Constantino, à nossa malograda colega, D. Clotilde Feio Soares de Azevedo e a quem escreve estas linhas, o piedoso encargo de transportar, revesando-se, até ao Mosteiro dos Jerónimos, uma grande lira envolta em crepes, nos vimos sèriamente embaraçados à entrada do templo, entre uma multidão compacta e irrequieta como soem sempre ser as multidões em que predomina a gente nova, em perigo de ver-mos esmagada a nossa gentil colega e nós próprios correndo grave risco.

Mas a fleugma do Constantino jámais o abandonava. Deitou um rápido olhar sobre a imensa multidão e disse :—Ladeemos para a esquerda! Embora a custo, assim fizemos e dali a pouco atingíamos um ângulo da portaria manuelina o que permitiu que ali guardássemos a nossa colega, fazendo-lhe muralha defensiva com os nossos próprios corpos.

Deixamos passar as grandes ondas de acompanhantes do féretro e assim, por conselho do Constantino, fomos dos últimos a cumprir a nossa piedosa missão depondo junto dos despojos mortais do grande lírico a nossa grande lira envolta em crepes, mas ilesos, sem a mais leve beliscadura.

Corno retratista, foi exímio. É notabilíssima a vasta galeria de retratos pintados por Constantino, quer de homens quer de senhoras. Basta contemplar o retrato de sua mãe, o de seu pai — admirável estudo de ar livre, o de seu tio, Casimiro Fernandes e de quantas personagens retratou, para logo nos sentirmos empolgados pela vida extuante de que soube animar os retratados, dando a cada um, com naturalidade e graça, as características da própria idiosincracia, de uma forma só comparável, mas excedida pelo nosso grande Artista, à que se admira nos célebres retratos de Bastien-Lepage, o ilustre Pintor francês que passa por ter sido o primeiro inspirador do genial Sorolla.

Sem pretender, de forma alguma, passar por íconófilo de Constantino Fernandes, direi que possuo dele, como oferta ou troca, dois modelos, uma cabeça de expressão, vários desenhos, um esboceto, representando D. João I armando seus filhos cavaleiros, depois da tomada de Ceuta, um azulejo árabe, copiado da sala nobre dos Paços de Sintra e o desenho de um galgo, estes dois, apontamentos que utilizou na pintura do seu quadro de exame final.

Pois muito bem. Quando tive a honra de receber no meu atelier desta cidade, o grande Pintor D. Joaquim Sorolla, já então nomeado por especial distinção, professor de colorido da Real Academia de Belas-Artes de Madrid, tive o cuidado de submeter também tais trabalhos à esclarecida apreciação do genial Pintor espanhol.

Procedi assim — não por duvidar do alto valor de Constantino — mas por ter ouvido, com mal contida indignação, poucos dias antes, um *criticalhó* qualquer classificar de «ignobil» a sua pintura!

O juizo de Sorolla, apoiado pelo dos Artistas que o acompanhavam, foi rápido e concludente :

— Trabalhos distintos, ótimos desenhos e excelente colorido!

Estas palavras de justiça do Grande Mestre Valenciano, tranquilizando o meu espírito, apagaram até da minha memória o nome do aleivoso e desamável detractor do Constantino.

Constantino Fernandes foi, essencialmente um exímio, um prodigioso retratista. O seu primeiro conquistou-o em 1897, isto é, cinco anos depois de matriculado na Escola, com o retrato do nosso colega Joaquim António Víegas, pintor algarvio e cenógrafo ilustre, obtendo Mensão Honrosa na Exposição do Grémio Artístico, onde o expoz.

Os seus triunfos nas Exposições chegaram até à Medalha de Honra que obteve em 1913 com o seu notabilíssimo tríptico *O Marinheiro*.

Mas onde os primores de retratista que exornavam o nosso grande Artista se revelam notabilíssimamente, de forma inconfundível, é na sua colecção de retratos de senhora, cuja gentileza e formosura ele soube discretamente fixar na tela, conservando-lhes todo o encanto ir-radiante das suas frágeis personalidades.

É que nessas telas que emparceiram sem favor com as mais belas da Pintura de todas as épocas, Constantino Fernandes fazia resplandecer, de forma sempre exuberante mas criteriosa, todos os seus subtis dotes de análise, dando-nos como rezultante toda a psicologia das retratadas, nimbando-as de sua graça natural, sem quaisquer requintes rebuscados.

Servindo-se sempre, como já acentuei, de uma paleta sóbria, isenta de tonalidades violentas, Constantino, estudava penetrantemente, a fundo, e sabia assinalar com perfeita exactidão as características dos seus modelos.

Monótonos de cor parecem, à primeira vista, alguns dos seus quadros, mas que poderosa riqueza de fínissimas tonalidades eles nos apresentam quando mais atentamente os analisamos.

Conhecendo, a primor, todos os segredos da perspectiva aérea, patenteou-os no seu belo quadro «Claustro da Sé de Lisboa» e em muitos outros que constituíram os seu primeiros «envios» às exposições de Arte, trabalhos que a crítica recebeu elogiosamente, agourando um futuro brilhantíssimo para o seu autor.

Os seus trabalhos de concorrente a pensionista de Pintura no estrangeiro, feitos perante a Academia de Belas-Artes do Porto, por tal forma evidenciaram a sua garra de Artista que, muito embora ele não fosse «filho da casa» obteve laureada classificação e lá se foi de longada até Paris, a aperfeiçoar-se no atelier de Cormon, no de Paulo Laurens e nos de Baschet e de Schommer.

Estudou em Paris Roma, Nápoles, Veneza, Milão e Florença, na Bélgica, na Holanda e em Madride, trazendo dos respectivos museus primorosas cópias dos quadros mais notáveis.

Como decorador revelou-se também notavelmente como bem atestam os tectos da sala de baile do Sr. Marquez de Vale-Flor, e do Salão do Sr. Henrique de Mendonça.

Depois dos lindos cartazes do célebre Mucha, ilustre Pintor hungaro, especialista em tal género de trabalhos, nunca mais se colaram nas esquinas das prédios das ruas de Lisboa cartazes que rivalizassem com os da autoria de Constantino Fernandes, sempre esplêndidos de beleza.

Foi também o autor da primeira estampilha da República Portuguesa, obtendo o primeiro prémio num renhido concurso a que concorrera a maioria dos mais notáveis Artistas nacionais.

*Martires cristãos, Abandonadas, A viuva, Melancolia*, e o famoso tríptico *O marinheiro* são verdadeiras obras primas em que os pínceis de Constantino atingem por vezes a mais requintada sublimidade.

Apezar de todo o seu incontestável valor, atestado em tantas obras de Arte afirmadas pelos seus pínceis geniais, a sua notabilíssima figura de intelectual, diluiu-se, esfumou-se, apagando-se quase, entre a turba muita artística dos seus contemporâneos, ou não fosse ele um isolado, um modesto, um inimigo natural de toda a espécie de exibicionismos.

O povo que tanto pretendeu educar com a sua pintura sádia e forte, o povo donde soube arrancar as figuras das mulheres humilhadas, feitas farrapos pelos golpes da desventura e pela felonía dos homens, mal deu por ele. Passou quase despercebido.

Cinco anos depois da sua morte, vagamente se falava de Constantino, muito embora os seus quadros magníficos, expostos nos Museus, continuassem a atrair pelo seu correctíssimo desenho e pela fragância do seu colorido, os olhares dos visitantes.

Foi então que o Pintor David Estrela de Melo, colega e velho amigo, que se notabilizou a pintar velhos e velhas, de faces e mãos engelhadas, crepúsculos de existências humildes, afectuosíssimo amigo de Constantino, se esmerou em prestar-lhe uma homenagem justíssima e sobremaneira digna do homenageado.

Refiro-me ao «In Memórian» de Constantino Fernandes, preciosa colectanea de artigos brilhantes firmados por Arnaldo Ressano, Braz Burity, Brito Camacho, Cruz de Magalhães, Julio Dantas, Reinaldo dos Santos e Trindade Coelho e de sentidas cartas de homenagem dos artistas F. Cormon, José Veloso Salgado e Artur Alves Cardoso,

Então o culto de Constantino recrudescceu, afervorando-se por algum tempo, concitando novas atenções para os seus primorosos quadros.

Mas tudo isto foi quase efémero, ou não decorresse num país de iletrados e num tempo em que os sucessos da Bola — Deus me perdoe! — tanto culminam por toda a parte.

E' um grande erro supor-se que Constantino Fernandes tenha sido um melancólico, um bisonho, de poucas falas, fugidio ao convívio dos colegas e amigos. Não! Ele foi, pelo contrário, como já acentuei, um espírito alegre, comunicativo, encarando sempre a existência virilmente, com a confiança característica dos fortes, conhecedor como era da valiosa força do seu próprio

auto-domínio que lhe permitia a realização triunfal de tudo quanto empreendesse.

Nada falhou ao seu tipo de perfeito intelectual e até como desportista, pagou também o seu valioso contributo.

Foi um dos fundadores do notável grupo desportivo *Atiradores Civis da Estrela* e distinguiu-se como esgrimista de pau, de sabre e de florete, ficando notáveis as suas exibições de esgrima — o seu desporto predilecto, — no acampamento do Vale do Jamor, realizado pelo seu grupo desportivo.

No final do seu brilhante estudo, no *In Memoriam*, escrito em 1924, o ilustre Crítico de Arte, Braz Burity, afirma que a História da Pintura Contemporânea inscreverá um dia «Constantino Fernandes entre os mais completos e mais perfeitos dos Artistas da sua terra e do seu tempo».

Considera-o, seguidamente «incontroverso Maioral do retrato, opulento Morgado do Desenho e autor dos *Mártires Cristãos*, a obra prima do Museu Nacional Soares dos Reis, do Porto e das *Abandonandas* e do *Retrato de Mademoiselle S.B.* as duas telas sem par do Museu Nacional da Arte Contemporânea, onde nenhuma delas por enquanto de facto está, mas onde, por direito, mais dia menos dia hão-de ir a parar as duas».

O êxito invulgar obtido pela recente Exposição retrospectiva das Obras de Constantino Fernandes, assegurou-nos de forma evidéntíssima, que esse dia mencionado pelo ilustre Crítico chegou finalmente já. Fez-se justiça!

São dignos dos maiores elogios os dedicados organizadores deste notabilíssimo acontecimento artístico, bem como o *Grupo de Amigos* que acaba de instituir na Escola de Belas-Artes de Lisboa, o *Prémio Constantino Fernandes*, destinado ao aluno de Pintura que mais se distinga.

Magnífica a idéia de perpetuar assim a memória de Constantino na Escola onde tanto se distinguiu.

Mais do que discípulo distintíssimo do nosso glorioso Mestre José Maria Veloso Salgado, bem pode dizer-se, tendo especialmente em vista a sua primorosa galeria de retratos, que Constantino Fernandes foi o lídimo continuador do Mestre.

E assim, graças a este conjunto de salutareos esforços, felizmente coroados pelo êxito mais brilhante e que nada mais são do que relevantes serviços à causa da Arte Nacional, acaba de ser prestada justiça ao Pintor Constantino Fernandes, o Artista por tão longo tempo injustamente incompreendido — talvez por nunca ter transigido com quaisquer influências modernistas, — mas que nem por isso deixa de ser um dos mais excelsos Pintores de Portugal de todos os tempos.

Faro, Novembro de 1950.»

## **5. Documentos fotocopiados**

**Doc. 5.1 - Processo individual de Carlos Augusto Lyster Franco na  
Escola Superior de Belas Artes (processo n.º 3 caixa n.º 21)**









**Doc. 5.2 - Apêndice 402 do Diário do Governo de 09 de Outubro de 1909**